

ANEXO 1

Pedido de Consentimento

Lisboa, 7 de Fevereiro de 2017

Exmo. Senhor Diretor

No presente ano letivo, encontro-me a frequentar o 2º ano do curso de Mestrado em Educação e Tecnologias Digitais, no Instituto de Educação da Universidade de Lisboa.

O tema da minha tese de Mestrado, orientada pelo Professor Doutor Fernando Albuquerque Costa, vai de encontro ao papel das Tecnologias da Informação e Comunicação na Educação. No âmbito desta temática, pretendo realizar uma investigação no sentido de compreender o potencial das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) como forma de prevenção do insucesso escolar no 2º e 3º ciclos do Ensino Básico.

É meu propósito, com a sua autorização, desenvolver este estudo na Escola Básica 2/3 XXXXXXXXX. Deste modo, venho por este meio solicitar a sua autorização para entrevistar no espaço escolar, com a devida concordância dos entrevistados, os seguintes sujeitos:

- a técnica do Serviço de Psicologia e Orientação;
- um professor do 2º ciclo, do grupo 200;
- dois alunos do 2º ciclo;
- um aluno do 3º ciclo.

Solicito também a sua colaboração e participação, na qualidade de Diretor do Agrupamento, numa entrevista no âmbito desta investigação.

No caso dos alunos, será dado conhecimento da solicitação da sua participação aos Diretores de Turma e, posteriormente, será enviado um pedido de autorização aos Encarregados de Educação.

As informações, opiniões e dados recolhidos serão exclusivamente utilizados no âmbito desta investigação, estando o anonimato e privacidade da escola e sujeitos garantidos.

Aguardando a sua resposta favorável, subscrevo-me com elevada estima.

Com os melhores cumprimentos,

ANEXO 2

Pedido de autorização ao Encarregado de Educação

Exmo.(a). Sr(a). Encarregado(a) de Educação

O meu nome é Luísa Lalanda e sou professora da disciplina de Inglês. No presente ano letivo estou a fazer o curso de Mestrado em Educação e Tecnologias Digitais, no Instituto de Educação da Universidade de Lisboa.

O tema da minha tese de Mestrado vai de encontro ao papel das Tecnologias da Informação e Comunicação na Educação. No âmbito da minha tese, pretendo realizar uma investigação no sentido de compreender o potencial da Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) como forma de prevenção do insucesso escolar no 2º e 3º ciclos do Ensino Básico.

A investigação será desenvolvida na Escola EB 2/3 Professor Lindley Cintra, estando já autorizada pela Direção do Agrupamento.

A investigação prevê a realização de entrevistas a alguns alunos do 2º e 3º ciclos que frequentam a escola e a gravação em áudio das suas respostas. Para tal, solicito a sua autorização para entrevistar e gravar em áudio o seu/sua educando(a). As informações, opiniões e dados recolhidos serão exclusivamente utilizados no âmbito desta investigação, estando o anonimato e privacidade do seu/sua educando(a) garantidos.

No caso de a sua resposta ser favorável relativamente à participação do seu/sua educando(a) na investigação, peço-lhe que preencha e devolva o destacável correspondente à autorização.

Estou inteiramente ao seu dispor para qualquer questão ou outro esclarecimento.

Com os melhores cumprimentos,

Autorização

Eu, _____, Encarregado(a) de Educação do aluno _____, nº _____, da turma __, autorizo a participação do(a) meu/minha educando(a) na investigação que irá ser realizada pela professora Luísa Lalanda e que me foi dada a conhecer, permitindo a entrevista e gravação áudio das respostas o meu/minha educando(a).

(Assinatura do Encarregado de Educação)

Data: ___/___/2017

ANEXO 3

GUIÃO DE ENTREVISTA

Potencialidades das TIC no Combate ao Insucesso e Abandono Escolar no Ensino Básico

Finalidade

Compreensão da realidade Individual, social, familiar, económica, pedagógica e institucional de uma escola de Lisboa no que se refere ao insucesso e risco de abandono escolar precoce de alunos do Ensino Básico que apresentam elevado número de repetências e rutura face ao sistema de ensino regular.

Sujeito Informante

Diretor do Agrupamento de Escolas Professor Lindley Cintra – Lumiar.

Técnica do Serviço de Psicologia e Orientação da EB 2/3 Professor Lindley Cintra.

Professor do 2º Ciclo do Ensino Básico com cargo de Diretor de Turma e Tutoria.

Objetivos Específicos

- Clarificar o objetivo da entrevista, garantindo ao entrevistado a confidencialidade das informações recolhidas, direito à privacidade e anonimato.
- Evidenciar a importância da colaboração do entrevistado no estudo.
- Agradecer a colaboração.

A presente entrevista tem como objetivo a recolha de informação que permita compreender como poderão as TIC contribuir para a promoção do sucesso educativo em alunos com insucesso repetido e em risco de abandono escolar precoce. Insere-se no contexto da investigação desenvolvida no segundo ano do Mestrado em Educação e Tecnologias Digitais do Instituto de Educação da Universidade de Lisboa, estando garantidos o anonimato e confidencialidade dos dados recolhidos.

O seu contributo é fundamental para este estudo, nomeadamente na identificação do tipo de problemas que caracterizam os alunos com insucesso escolar repetido, estratégias implementadas pela escola para promoção do sucesso educativo destes alunos e na compreensão da perspetiva da escola face à gestão do currículo e integração das TIC como estratégia de promoção do sucesso educativo.

Tem alguma questão?

Autoriza a gravação desta entrevista?

- Identificar as causas de cariz individual, social, familiar, económico, pedagógico e institucional que subjazem ao insucesso repetido dos alunos, que os coloca em rutura com o sistema de ensino e em risco de abandono escolar precoce.

1. Como descreveria o perfil do aluno com insucesso escolar repetido e em risco de abandono?

2. *Que problemas são mais evidentes nestes alunos relativamente às suas vivências escolares?*

3. *Como se caracterizam as relações parentais e/ou as estratégias familiares de acompanhamento destes alunos e cooperação com a escola?*

4. *Pode estabelecer-se um paralelo entre a pertença a um grupo, nível socioeconómico, comunidade ou minoria étnica com características fortemente demarcadas e o insucesso repetido / abandono escolar?*

- *Averiguar o tipo de gestão concertada das estratégias existentes de promoção do sucesso educativo é implementado pela instituição, com o objetivo de contrariar e inverter o processo de rutura dos jovens com a escola.*

1. *Que medidas promotoras de sucesso escolar são implementadas pela escola?*

2. *Que serviços de acompanhamento ou aconselhamento se revelam importantes na escola e quais deveriam nela devam existir?*

3. *De que forma é que o sistema disciplinar existente coopera com as medidas promotoras do sucesso educativo implementadas na escola?*

4. *Que tipo de resposta existe na escola para um aluno com insucesso escolar e problemas graves de disciplina?*

5. *Como atua a instituição / o agrupamento para reverter a situação de rutura com a escola e abandono escolar dos alunos?*

- *Compreender de que forma as TIC podem ser encaradas como ferramentas passíveis de promover as estratégias de adequação dos currículos à diversidade de motivações, interesses e capacidades de aprendizagem dos alunos, potenciando o sucesso educativo.*

1. *Poderá o deslocamento de uma abordagem mais formal e tradicional do currículo para uma abordagem conjugada e interdisciplinar das diversas áreas curriculares com recurso às TIC promover o sucesso dos alunos?*

2. *Em que medida considera que a introdução das TIC na leção do currículo teria impacto na aquisição de competências nos alunos com insucesso?*

3. *Seria realista, tendo em conta a realidade da escola, pensar num cenário de criação um percurso curricular alternativo em que o currículo fosse lecionado mediante a introdução efetiva das TIC?*

4. *Poderia esse percurso alternativo, aliado a uma avaliação centrada no processo de aprendizagem, inverter o processo de rutura dos alunos com a escola e conseqüente abandono escolar?*

ANEXO 4

TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA – DIRETOR DO AGRUPAMENTO

BLOCO 1

A presente entrevista tem como objetivo a recolha de informação que permita compreender como poderão as TIC contribuir para a promoção do sucesso educativo em alunos com insucesso escolar repetido e em risco de abandono escolar precoce. Insere-se no contexto da investigação desenvolvida no segundo ano do Mestrado em Educação e Tecnologias Digitais do Instituto de Educação da Universidade de Lisboa, estando garantidos o anonimato e confidencialidade dos dados recolhidos.

O seu contributo é fundamental para este estudo, nomeadamente na identificação do tipo de problemas que caracterizam os alunos em risco de abandono escolar precoce, estratégias implementadas pela escola para promoção do sucesso educativo destes alunos e na compreensão da perspetiva da escola face à gestão do currículo e integração das TIC como estratégia de promoção do sucesso educativo.

Tem alguma questão?

Não.

Autoriza a gravação desta entrevista?

Sim.

BLOCO 2

1. Como descreveria o perfil do aluno com insucesso escolar repetido e em risco de abandono?

Eu responderia de uma forma que eu acho que... é a mais fácil que é dizer que... que traços comuns, por norma, esse tipo de alunos apresenta. Fiz aqui um levantamento e o que me apraz dizer a esse respeito é essencialmente o seguinte: tem muito a ver, de facto, com as condições socioeconómicas e culturais. Por norma são alunos com fraquíssimas aspirações, que não valorizam a escola nem percebem que papel a escola pode ter em termos de alteração da sua vida

futura isso é apoiado, por norma os pais têm fraca escolaridade, portanto reforça o quadro de pouco investimento na escola... genericamente são alunos com pouca motivação que revelam alguma desadaptação à escola, à convivência no meio escolar... apresentam também algum défice de valores. Recordei-me disto também porque este ano o tema do nosso projeto é justamente a questão dos valores e... e reforçando o quadro socioeconómico grande parte deles são beneficiários do apoio social escolar.

2. Que problemas são mais evidentes nestes alunos relativamente às suas vivências escolares?

Volto a dizer...claro...genericamente... eu digo genericamente... é evidente que há sempre situações que fogem a este quadro global mas dos maiores problemas eu salientaria a grande desmotivação que faz com que eles não... justamente por não valorizarem a escola não percebem e é difícil de perceber que a escola pode ter, pode ser um fator de mudança... futura e, portanto, são alunos que apresentam também, grosso modo, um grau de absentismo elevado.

3. Como se caracterizam as relações parentais e/ou as estratégias familiares de acompanhamento destes alunos e cooperação com a escola? Poderá dizer-se que são deficitárias?

Eu diria que tendem a ser deficitárias. Tendem a ser. É claro que a escola faz sempre um... para além daqueles aspetos burocráticos, legislativos, formais, de... o envio da carta registada, o envio do recado etc... para além desses aspetos há sempre múltiplas formas de se tentar chegar ao contacto com os... com esses encarregados de educação. Não é uma tarefa fácil, justamente porque, digamos, o quadro em que estamos a trabalhar é um quadro que... enfim... nos deixa preocupados e que, de facto, não é favorecedor.

4. Pode estabelecer-se um paralelo entre a pertença a um grupo, nível sócio económico, comunidade ou minoria étnica com características fortemente demarcadas e o insucesso repetido / abandono escolar?

Pode estabelecer-se e acho que deve estabelecer-se e o importante aí é saber-se em que medida a escola poderá ... servir para de alguma forma para atenuar essa quase fatalidade. Agora, é

evidente que populações carenciadas, com pouco acesso à cultura, desmotivadas, num quadro de pobreza que... enfim... na maior parte dos casos é a pobreza económica, material e muitas vezes associada a outro tipo de pobreza... diria... cultural, também. Digamos que, à partida, estão aqui os ingredientes para que a história se repita.

BLOCO 3

1. Que medidas promotoras de sucesso escolar são implementadas pela escola?

Ora bem, neste, nesta tentativa de alterar este panorama, a escola vai apresentando algumas propostas, algumas medidas educativas. Refiro-me a algumas que estão em vigor no nosso agrupamento: as turmas de currículo alternativo que têm já uma tradição larga no agrupamento. Ultimamente uma aposta num tipo de ensino que entretanto já tem os dias contados: os vocacionais. E depois projetos como a turma mais que iniciámos no primeiro ciclo e estendemos agora ao segundo e terceiro. Enfim, os apoios educativos, as tutorias, digamos que a escola vai com este tipo de medidas educativas tentando... dar resposta a este problema do sucesso escolar.

2. Que serviços de acompanhamento ou aconselhamento se revelam importantes na escola e quais deveriam nela devam existir?

Ora, os que existem e têm um papel muito importante, dos que me recorde referia os serviços de psicologia, através das nossas psicólogas. Também a tutoria e um... e um aspeto fundamental que tem que ver com, digamos, o papel desempenhado pelos diretores de turma que é uma situação que, mais uma vez, para além da situação formal, da questão institucional e dos deveres que o diretor de turma tem e a relação que deve... estabelecer com o Encarregado de Educação, muito para além daquilo que está escrito, os diretores de turma são um elo fundamental nesta... nesta questão. Não temos e seria interessante ter, porque há escolas que conseguiram, não temos assistentes sociais, que fazem muito a ligação escola família... pronto... é uma falha que vamos tentando colmatar... com outros... de outras formas.

3. De que forma é que o sistema disciplinar existente na escola coopera com as medidas promotoras do sucesso educativo implementadas?

O que se pretende é que as medidas disciplinares façam... surtam efeito... neste campo eu falaria de uma experiência que é nossa há alguns anos que tem a ver com o gabinete de mediação... local para onde são encaminhados os alunos que, por algum motivo, enfim... estão de tal modo a perturbar o funcionamento da aula que são enviados... são retirados da sala e são enviados para este espaço. E aqui é feito, todos os períodos letivos, é feito o levantamento do trabalho feito... faz-se a leitura dos casos reincidentes, que depois... depois são trabalhados posteriormente. Quer através, mais uma vez, da ligação com os serviços de psicologia, quer muitas vezes com a participação da própria direção... estabelecendo, fazendo reuniões com esses encarregados de educação e com os alunos e... e devo dizer que por vezes são visíveis algumas mudanças, algumas alterações. Noutras situações também não conseguimos dar resposta.

4. Que tipo de resposta existe na escola para um aluno com insucesso escolar e problemas graves de disciplina?

Mais uma vez, há dois tipos de resposta: há um tipo de resposta formal, institucional que passa pelas sinalizações dos alunos, e o encaminhamento para os nossos parceiros, nomeadamente a... por vezes a escola segura, em casos já mais consistentes passa pela sinalização à CPCJ ... e depois para além disso, há todo outro... também o centro de saúde... a que por vezes recorremos em situações específicas. Depois há toda a panóplia de apoios educativos que a escola continua a dar, os apoios individualizados no caso de alunos com necessidades educativas especiais, salas de estudo, alguns clubes que ainda conseguimos, infelizmente poucos, mas que conseguimos ainda manter de pé, a aposta no desporto escolar, que às vezes não é entendida dessa forma mas que pretende ser uma forma de integrar alunos e de lhes abrir horizontes e, de uma maneira geral, digamos que é isto.

5. Existem situações limite, em que a escola não consegue dar resposta ao aluno? Em termos de sucesso educativo e de disciplina? E como atua nessa situação?

Há algumas situações que para as quais nós, humildemente, temos que reconhecer que não conseguimos. Se de facto ficamos contentes, satisfeitos, quando verificamos... constatamos, que há uma situação foi ultrapassada satisfatoriamente também, como disse, temos a humildade de reconhecer que há situações limite que... que não conseguimos dar resposta... e... e enfim... e por vezes há situações que por vezes, dificilmente... não têm a ver com a nossa escola. Têm a ver com uma série de condicionantes onde é difícil estabelecer e promover alterações. Aí têm que ser outro tipo de instituições e, mais uma vez, tem que ser uma rede alargada... a nossa rede de parceiros alargada tem de dar resposta.

6. Como atua a instituição / o agrupamento para reverter a situação de rutura com a escola e abandono escolar dos alunos? Há toda essa rede que é estabelecida de contactos com parceiros para que tal aconteça. E a nível pedagógico?

A nível pedagógico passa muito pelos projetos que a escola tem que apresentar. Há bocado referi alguns exemplos. Quando pensámos em turmas de currículo alternativo, por exemplo. Ou quando pensámos nos vocacionais ou mesmo quando pensamos no secundário em cursos profissionais, é numa determinada... pensamos para tentar dar resposta a um determinado tipo de problemática existente que passa muito por este tipo de alunos desmotivados, ou se quisermos, de uma forma mais simplista, aqueles a quem a escola tradicional não conseguiu dar sucesso. E é aí que temos que ser criativos, ser imaginativos, por vezes aproveitar também outras experiências e tentar criar aí alternativas.

BLOCO 4

1. Poderá o deslocamento de uma abordagem mais formal e tradicional do currículo para uma abordagem conjugada e interdisciplinar das diversas áreas curriculares com recurso às TIC promover o sucesso dos alunos?

Eu acho que sim, porque as TIC têm... têm variadíssimos aliciantes e a partir das propostas de trabalho apresentadas pelas TIC seguramente seria possível construir modelos alternativos envolvendo mais os alunos, no fundo trabalhando mais ao gosto dos alunos e seguramente que seria uma... aliás há algumas... recordo-me de algumas experiências que foram feitas nesse campo e até mesmo no agrupamento em anos anteriores... já há alguns anos, em que

não cabendo às TIC exatamente esse papel, mas acabava na prática por, em termos de trabalho interdisciplinar, concentrar muita da atividade que se fazia com os alunos e... recordo-me que os resultados foram francamente positivos porque, lá está, fugindo ao formalismo tradicional... levanta... levanta hipóteses de trabalho que são do agrado dos alunos e isso é a primeira parte de qualquer coisa em que se pretende sucesso, é convencê-los, é contar logo à partida com a sua predisposição.

2. Em que medida considera que a introdução das TIC na leção do currículo teria impacto na aquisição de competências nos alunos com insucesso?

Sim. Mais uma vez eu diria que... que teria e como teve, como referi na pergunta anterior, quer na experiência da escola quer noutras experiências de outros estabelecimentos escolares... as TIC proporcionam e muito... muito mais propriedade a este tipo de alunos com insucessos repetidos, com baixas motivações, com baixas expectativas... serão, com certeza, um bom instrumento na captação da sua atenção e motivação. Além disso porque os objetivos de aprendizagem continuam a estar presentes, os alunos desenvolvem competências de uma forma mais prática... exatamente. Não se trata de darmos, de criarmos aqui coisas novas, trata-se de com a mesma seriedade e a mesma... o mesmo rigor mas trabalhando de outra forma.

3. Seria realista, tendo em conta a realidade da escola, pensar num cenário de criação um percurso curricular alternativo em que o currículo fosse lecionado mediante a introdução efetiva das TIC?

Sim. Digamos que não é nada descabido, penso que é uma proposta que tem virtualidades e que é uma proposta muito... muito positiva e pronto... lá está... desde que sejam respeitados, como são sempre respeitados ou tenta-se respeitar a seriedade dos processos, do trabalho e a manutenção do rigor... claro que as TIC seriam um instrumento ótimo congregador de projetos... multidisciplinares.

E a escola estaria equipada e preparada para isso?

A escola tem algum equipamento em concreto em algumas salas... quando digo algumas... referindo-me à escola secundária e à básica... portanto temos salas preparadas, equipadas e portanto, desse ponto de vista, não haveria problema. Aliás, essa era uma questão que há alguns anos trás se punha como grande entrave ao desenvolvimento de alguns projetos. Hoje em dia... enfim... vão-se resolvendo uns problemas e surgindo outros. Hoje em dia tema mais a ver com a... já não com a falta de equipamento mas com a sua manutenção e com a...

alguns (equipamentos) começam já a mostrar sinais de velhice. Mas digamos que era possível. É uma questão de organização dos recursos e de rentabilização.

4. Poderia esse percurso alternativo, aliado a uma avaliação centrada no processo de aprendizagem, inverter o processo de rutura dos alunos com a escola e consequente abandono escolar?

Mais eu digo que sim. E o que me leva a dizer que sim tem justamente a ver com o facto de a estratégia, por assim dizer, uma forma de trabalhar... a forma de trabalhar o currículo envolvendo ou centrada nas TIC seria com certeza do agrado de uma larga maioria dos alunos e isso era o primeiro passo para que o sucesso fosse aparecendo. E portanto, quando falo nas TIC falo num espectro mais largo quer como estando centrada em termos de desenvolvimento de projetos interdisciplinares, mas também de uma forma que a avaliação possa ser inclusivamente mais aprofundada em termos das TIC... porque por vezes isso acontece muitas vezes. Quando se fala nas TIC os alunos pensam, “bom... vou pegar no computador e vou teclar e vou ver isto e vou ver aquilo” e depois é evidente que temos que aproveitar os conhecimentos que eles têm e canalizá-los e alargá-los e reforça-los de forma continua. E uma outra vertente que poderia também ser assumida aí é também ver a própria... a própria máquina. Como é constituída, que peças tem, como é que se desmonta... Recordo-me... veio-me a lembrança que também fizemos isso com oficinas de informática e houve, de facto, progressos espantosos em alguns alunos que até aí tinham um historial de grande falta de assiduidade, retenções repetidas e que finalmente descobriram que estavam muito bem onde estavam e que... enfim... de uma forma simples gostavam daquilo que estavam a fazer em termos de trabalho escolar.

Assim concluimos a entrevista, muito obrigada pela sua colaboração.

ANEXO 5

TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA – Técnica do SPO

BLOCO 1

A presente entrevista tem como objetivo a recolha de informação que permita compreender como poderão as TIC contribuir para a promoção do sucesso educativo em alunos com insucesso escolar repetido e em risco de abandono escolar precoce. Insere-se no contexto da investigação desenvolvida no segundo ano do Mestrado em Educação e Tecnologias Digitais do Instituto de Educação da Universidade de Lisboa, estando garantidos o anonimato e confidencialidade dos dados recolhidos.

O seu contributo é fundamental para este estudo, nomeadamente na identificação do tipo de problemas que caracterizam os alunos em risco de abandono escolar precoce, estratégias implementadas pela escola para promoção do sucesso educativo destes alunos e na compreensão da perspetiva da escola face à gestão do currículo e integração das TIC como estratégia de promoção do sucesso educativo.

Tem alguma questão?

Não.

Autoriza a gravação desta entrevista?

Sim.

BLOCO 2

1. Como descreveria o perfil do aluno com insucesso escolar repetido e em risco de abandono?

O perfil, olha, o perfil... são essencialmente alunos muito zangados. Zangados com a vida, zangados com a escola, zangados com eles próprios. São alunos que apresentam um resultado académico muito baixo. O que é que eu quero dizer com isto? São alunos que acham que não têm capacidades. Acham que efetivamente não conseguem. Apresentam também um perfil de uma crença de autoeficácia muito baixa eles acham que “mesmo eu esforçando-me eu não vou

conseguir, então eu não me vou esforçar”. Daí os resultados não aparecerem. São também miúdos que têm dificuldades no autocontrolo do comportamento... são miúdos mais agitados, mais... mais irrequietos, com índices de ansiedade mais elevados, principalmente nos momentos de avaliação. Como eles têm umas crenças tão baixas de autoeficácia eles acham que aquilo vai correr mal e logo vai trazer-lhes ansiedade. Daí aparecem situações como o faltar nos dias dos testes, as dores de barriga, os chazinhos lá em baixo, as dores de cabeça. São miúdos que também acham que o futuro deles não passa pela escola. Eles acham que vão conseguir fazer algo futuramente mas que a escola não é necessária. São também miúdos que não conseguem delinear projetos a longo prazo, ter objetivos. Isto é porque também o emaranhado de problemas deles é tão grande que não conseguem ter um linha para puxar e resolver o problema. De tal modo que estes problemas os puxam ainda mais para se afastarem da escola.

2. Estamos a falar de que tipo de problemas?

Para mim estes miúdos vivem realmente com níveis de pobreza elevados. Vivem em situações familiares... está provado também pela literatura e pelos estudos científicos que existem... vivem em famílias que realmente o índice de pobreza é bastante elevado. E a isto está associado o álcool, a toxicodependência. Muitos destes miúdos vivem em famílias monoparentais, divórcios complicadíssimos, são famílias que não valorizam a escola. Estes miúdos que em termos da dinâmica familiar e estilo parental que têm é ou extremamente permissivo ou extremamente rígido onde entra o castigo.

3. Continuando a falar de famílias e dando seguimento à questão familiar e da dinâmica parental, como se caracterizam as relações parentais e/ou as estratégias familiares de acompanhamento destes alunos e cooperação com a escola? Poderá dizer-se que são deficitárias?

Estas relações da escola com a família também não são fáceis. Se reparares, estes jovens são alunos que têm muitos problemas na escola. De aprendizagem, de comportamento... Muitas vezes os pais são chamados à escola para falarmos de coisas negativas. “O seu filho não se porta bem, o seu filho está a faltar às aulas, olhe veja lá o que pode fazer...”. Inevitavelmente estes pais põem-se em causa e sentem-se em causa “Eu estou a ser mau pai. A escola está a dizer-me que eu não estou a exercer o meu papel de pai”. Então, a relação escola-família é, inevitavelmente, uma relação de afastamento. Os pais e Encarregados de Educação vivem e

sentem isto, não é, que estamos sempre, sempre a mexer numa ferida porque eles são... realmente o filho não cumpre e nós ainda reforçamos mais isto. E outra coisa que eu também sinto é que estas famílias também vivem com muitos problemas e a escola é mais outro problema. A escola é sentida como mais outro problema, mais outra pressão que nós estamos ali a exercer. Muitas vezes não há dinheiro, muitas vezes há problemas de álcool, toxicod dependência, violência e é mais a escola outro problema. Isto inevitavelmente faz com que estes pais não se aproximem da escola, estes pais afastam-se da escola. É menos uma pressão... é menos uma pressão que eles sentem.

3. Que problemas são mais evidentes nestes alunos relativamente às suas vivências escolares?

O problema mais evidente é a indisciplina. São realmente mais problemas de indisciplina de onde vem, para mim, o problema mais grave que é a desistência. Ou seja, toda a gente quer ter sucesso. Toda a gente. Se tu reparares, eles ficam retidos num ano. Começam o ano novo. E no ano novo que eles começam eles vêm com força, eles vêm com vontade. Só que depois, as dificuldades aparecem. E eles começam a desinvestir e a desistir. Portanto... E é isto que eu acho que para mim é o mais grave: é a desistência deles. É acharem que já não vale a pena, que já não conseguem. Então como mecanismo de defesa deles próprios mesmo em termos emocionais e de saúde mental, o que é que eles preferem fazer? Dentro da sala de aula, preferem mostrar “sou eu que não quero aprender. Sou eu que não quero estar na aula. Sou eu que quero estar a chatear o professor.” Mas isto tem a ver um mecanismo de defesa do próprio aluno para não se confrontar novamente com novos insucessos porque ele quer ter sucesso só que não consegue. E acho que aqui a escola está a falhar muito porque nós temos que efetivamente tentar perceber, onde é que está ali o problema. O que é que faz... o que é que está por trás daquilo. Porque, se calhar, são mesmo falta de bases, de outros anos, aprendizagens mal consolidadas, que faz com que aquele menino, ou aquele jovem não consiga perceber aquela matéria. “Aquilo é o mesmo. Eu estou a receber o mesmo do ano passado. Mas então porque é que eu chumbei? Isto é igual. Eu não vou conseguir. Vou desistir”. Pronto. Desistem e está tudo estragado e é muito difícil. E depois esta lei também não vem ajudar nada porque estes meninos com não sei quantas faltas chumbam o ano. E isto é terrível, sem depois respostas nenhuma.

Um aluno que reprove por faltas em janeiro, tem a obrigatoriedade de continuar a frequentar a escola, sem avaliações no final do período, até ao final do ano.

Exatamente, repara... Objetivos? nenhuns. Eu trabalho para um objetivo, eu estudo para um objetivo. Nem que seja passar de ano. Já nem falo em aprender. Mas ter o três. Eu tenho que ter

um objetivo. De maneira a que, nem que isso seja a minha força interna para me controlar em termos comportamentais. Estes miúdos não têm nada. Portanto se estes miúdos não têm nada, para eles não vale a pena... Se eles não vêm à escola, há outra pressão familiar que é a CPCJ. Então somos nós escola que vamos novamente acionar outro processo para pressionar a família. Isto tudo é realmente uma bola de neve. Pensamos em tudo, mas depois não pensamos nos alunos e o que é que nós temos ali à nossa frente? E isto torna-se muito complicado para estes alunos que são duplamente, triplamente, penalizados. É a família que não foi escolhida por eles, é a escola que... muitas vezes os miúdos até se esfoçam e ninguém nota que eles se esforçaram porque o esforço deles não é o resultado final que nós queremos. A escola não olha para o processo, só olha para os resultados finais. E tudo isto é muito complicado de... conseguir realmente ajudar estes alunos de insucesso. E aí, para mim, o maior problema é efetivamente a desistência. É eles desistirem.

E a relação com o professores? Os professores parecem sensíveis relativamente a esta desistência dos alunos, apresentam estratégias ou, de certa forma, estão limitados no trabalho que podem fazer?

Eu falo por esta escola: o facto de esta escola ser uma escola pequena, facilita muito porque ajuda... ajuda a haver uma relação mais próxima. Para mim, com todos os alunos mas mais com estes alunos de insucesso, a relação é a coisa mais importante. O aluno sentir que há um adulto que acredita nele, há um adulto que olha para ele, não com aqueles óculos de reprovação de lhe chamar a atenção para a parte negativa mas sim com um olhar de esperança, não é? Eu acho que isto ajuda muito. Agora, eu reconheço que ter uma turma de trinta alunos é complicadíssimo ir de encontro a estes alunos. Ter uma turma de vinte... parece-me possível de fazer isto. E a experiência que eu tenho nesta escola, é que há professores extremamente sensíveis e se o puderem fazer, fazem-no. Mesmo em turmas grandes. Há outras turmas que pela dinâmica da turma... temos que olhar turma a turma... Pela dinâmica da turma é muito difícil de o professor ter este olhar de esperança, de reforço... ter este olhar de incentivo “Vá lá... tu consegues!”. Porque estes miúdos... que... a motivação não é nenhuma... para aprender, para estudar. E não é nenhuma porquê? Porque a motivação... eles atribuem muito a falta de sucesso a causas internas e incontrolláveis. Ou seja, “eu não tenho capacidade”... ou seja é uma causa dele e que as capacidades não se controlam: ou se têm ou não se têm, não é? E eles atribuem muito isto e então, este tipo de causas... esta atribuição causal relativamente ao sucesso escolar bloqueia totalmente a motivação.

É então precisa uma grande proatividade por parte do corpo docente para que estes alunos tenham sucesso?

É. E cooperação entre os professores que é muito difícil de existir. Porque os professores têm muita dificuldade em partilhar entre eles as boas práticas. E ouvir o outro, ouvir o outro professor. É pena, por exemplo em conselhos de turma, muitos deles até serem marcados para se falar de um processo disciplinar de um aluno e, efetivamente, fala-se pouco do que é que está a acontecer com o aluno. Está-se mais preocupado com o castigo e com a punição e fala-se pouco. “Mas porque é que aconteceu isto? O que é que se está a passar com este aluno?” Fala-se muito pouco disto, não é? Não há grande preocupação de perceber o aluno, do que está lá por trás.

4. Pode estabelecer-se um paralelo entre a pertença a um grupo, nível socioeconómico, comunidade ou minoria étnica com características fortemente demarcadas e o insucesso repetido / abandono escolar?

A literatura diz-nos que sim. E aquilo que eu sinto é que o papel da família é muito importante. Não tanto por etnias, mas pela dinâmica e acompanhamento familiar. Uma família que tem uma cultura familiar parecida à cultura escolar, o aluno, inevitavelmente, tem muito mais facilidade em aprender e em ter sucesso escolar do que um aluno que esteja integrado numa família em que a cultura familiar nada tem a ver com a cultura escolar. Este aluno tem que trabalhar muito mais. Tem que estar muito mais atento. Tem que esforçar-se muito mais do que o outro em que em termos de dinâmica familiar há rotinas, há todo um tipo de diálogo em que se fala sobre a escola, sobre as matérias da escola, o que se aprende, a funcionalidade da aprendizagem, em termos escolares... Das expectativas das famílias. Tudo... Estes alunos estão em vantagem. Estes alunos que têm esta dinâmica familiar estão em vantagem em relação aos alunos que não a têm. E depois, se tu reparares, a escola é igual para todos. E a escola está formatada para os alunos que têm esta dinâmica familiar funcional. Que têm esta dinâmica... de que têm uma família que realmente os estimula nestas áreas. E depois, os que não têm, inevitavelmente, partem da meta mais tarde. Enquanto que uns vão à frente outros vão atrás. E quando eu digo que estes alunos são duplamente, triplamente penalizados é isto... é um pouco isto. Infelizmente as oportunidades não são iguais. Por mais que se diga. Não são. Na realidade não são iguais as oportunidades.

1. Que medidas promotoras de sucesso escolar são implementadas pela escola?

2. Que serviços de acompanhamento ou aconselhamento se revelam importantes na escola e quais deveriam nela devam existir?

Um dos serviços é o serviço de psicologia, embora o rácio de psicólogo-aluno seja terrível. Eu tenho um rácio de alunos muito grande para mim só. E dou por mim, a dar resposta a situações mais graves. E como te disse há pouco, isto tinha que ser trabalhado de uma forma preventiva e não de uma forma remediativa. Remediando estamos a coser remendos que se cozem de um lado mas depois se rompem de outro... O serviço de psicologia deveria trabalhar mais numa forma de prevenção com estes alunos e o mais cedo possível. Desde o jardim-de-infância, ou seja, nós teríamos que detetar estes problemas o mais precocemente possível, de maneira a não os deixar crescer. Porque eles chegam aqui ao segundo ciclo e estes problemas já estão tão embaralhados, já estão tão difíceis que mesmo nós adultos quando queremos pegar numa ponta... não conseguimos, porque há ali muitas pontas e os alunos acabam por não encaixar nesta escola tradicional. Eu acho que todos estes comportamentos que eles têm é um pedido de ajuda permanente. Mas que depois nós queremos ajudá-los à nossa maneira e não da forma que eles necessitam.

Na escola sinto muito a falta de uma técnica de serviço social para se trabalhar de uma forma mais sistematizada com algumas famílias. Para realmente trabalhar estas dinâmicas familiares, estes estilos parentais. Porque estas famílias extremamente permissivas ou extremamente punitivas causam bastantes tensões no desenvolvimento destes jovens. Se realmente existisse aqui alguém... uma assistente social, que pudesse também estar disponível para trabalhar isto, de certeza que se conseguiria dar respostas de outra maneira só que aquilo que o serviço de psicologia dá resposta. Como é que eu funciono? Recorro muito às técnicas de serviço social da Santa Casa da Misericórdia, mas elas têm também um rácio de famílias enorme e, no fundo, tudo isto torna-se muito complicado. E mais uma vez, quem é punido? São estes jovens.

3. Ou seja, este gabinete de mediação comportamental está inserido no sistema disciplinar existente na escola. Como se processa o caminho de um aluno com indisciplina? De que modo é que este sistema disciplinar coopera com as medidas promotoras do sucesso educativo implementadas?

O processo de tentativa de resolução dos problemas de um aluno com registo de indisciplina deveria passar pelo gabinete de mediação comportamental. Neste gabinete os alunos são recebidos por um professor que está. Quando no gabinete o aluno tem que preencher por escrito um questionário e este questionário é um questionário que obriga o aluno a refletir sobre o seu comportamento e que, no final do questionário, há uma espécie de compromisso.

“O que é que tu deverias ter feito?” para se tentar perceber o porquê desse comportamento. E é através desta reflexão do próprio aluno que se procura ajudar o aluno a tentar mudar a sua estratégia de comportamento. E o professor que está no gabinete tem, no fundo, o papel de ajudar o aluno nesta reflexão. E haver o tal compromisso, o aluno comprometer-se com aquele professor. O que é que aqui falha um bocadinho? Falha que uma mediação de conflito tem que ser pelos dois lados. Tem que ser pelo agressor e pela vítima. E aquilo falha depois pelo outro lado, se o aluno teve um conflito com um professor ele vem para o gabinete de mediação mas a parte de trabalhar com o professor com quem houve o conflito não se está a passar. E penso que se isto se trabalhasse se poderia ter melhores resultados em termos de indisciplina. Mas voltando à questão, de como se processa o sistema disciplinar aqui na escola. Numa primeira linha existe o gabinete, depois o consoante o número e o tipo de ocorrências registadas existe um trabalho que envolve a família, a direção da escola e o SPO.

E quando chegamos a um ponto em que, ultrapassadas estas duas barreiras, e a indisciplina associada ao insucesso se mantem? O que acontece?

O que acontece é a suspensão. Há um processo disciplinar e o aluno tem uma medida aplicada que, geralmente, o envia três dias para casa, cinco dias para casa consoante todo o processo anterior e o que fez precipitar a instauração do processo disciplinar. Geralmente são estas as medidas que se aplicam.

Ou seja, temos alunos geralmente absentistas, com processos disciplinares, medidas de suspensão que implicam faltas não justificadas que acabam por entrar neste ciclo e facilmente ficam retidos por faltas.

Certo.

Existe algum tipo de situação limite para a qual a escola não tenha qualquer tipo de resposta?
Como é que a escola atua?

O fim da linha, isto é, se o aluno mantiver os comportamentos de indisciplina grave ou com agravantes. O fim da linha é mesmo a transferência de escola. Com que não resolvemos o problema do aluno. Resolvemos o problema da escola. Não resolvemos o problema do aluno. Muitas vezes o que se tenta fazer é, realmente, envolver a família nesta questão e, quando realmente se percebe que o problema é um problema ao nível emocional de descontrolo completo ao nível do comportamento, quando este miúdo está a optar por uma via mais de delinquência e de opções de vida em que possa entrar já a toxicod dependência, o álcool... aí o que nós na escola tentamos fazer é realmente sensibilizar a família para procurar outros serviços, então a escola encaminha o aluno para outros serviços externos à escola, nomeadamente no âmbito da saúde mental... Que depois a família poderá aceitar esta sugestão, ou não... Não é? Mas terá que ser a família a desencaminhar todo o processo de encaminhamento para os serviços de saúde mental.

Há situações em que a escola perde?

Há situações em que o aluno perde.

Há situações em que a escola não tem mesmo resposta e a transferência é a única solução?

Há. Há...E há situações... É assim... Quando o aluno vai transferido da nossa escola para outra nós perdemos-lhe o rasto. Agora também recebemos alunos transferidos de outras escolas e quando... e há alguns casos que eu acho que até foi bom eles virem para a nossa escola porque conseguiram realmente integrar-te e conseguiram realmente ter sucesso. Porque muitas vezes, estes alunos, têm uma imagem a manter dentro do grupo de pares e são rebeldes e têm que continuar a manter esta imagem de rebeldia perante os outros e não conseguem fazer de outra forma. Não é? Daí que muitas vezes a mudança é o iniciar de uma coisa nova, que se calhar estas crenças de autoeficácia poderão estar muito, muito mais ativas e se calhar o aluno até consegue mais sucesso, não é? E nós tivemos aqui alguns casos em que aconteceu isso.

4. Que tipo de resposta existe na escola para um aluno com insucesso escolar e problemas graves de disciplina?

Muitas vezes nem é preciso muita coisa. Muitas vezes nem é preciso... porque... estes alunos... o efeito das expectativas é uma coisa muito... muito má. Porque vem um aluno novo e o processo ainda não chegou e o aluno até está ótimo. Até está bem integrado e não fizemos nada. O aluno até está integrado e está a trabalhar. Está esforçado, com as suas

dificuldades... claro... mas está. E há um sentido de renovação do próprio aluno porque isto também é assim: é muito difícil ajudar quem não quer ser ajudado. Uma pessoa que não quer ser ajudada pode ter mil psicólogos à volta, pode ter mil professores com capacidade de... de incentivo, de motivação... se o aluno não quer é muito difícil. Estas mudanças de escola podem fazer com que o aluno possa querer mesmo começar uma vida nova. E os professores ainda não têm acesso ao processo. Sabem que ele veio... Pronto. Muitas vezes quando se tem acesso prévio aos processos e se começa a ler todo o historial escolar do aluno, com as participações disciplinares... criam-se logo ali umas expectativas extremamente negativas. E o efeito Pigmaléon, que é quando eu penso ou efetivamente eu espero ou as minhas expectativas sejam negativas relativamente àquele aluno, de uma forma inconsciente até, nós vamo-nos comportar de modo a que aquilo seja confirmado, aquilo que nós pensamos sobre o aluno: “Isto vai correr mal. Este miúdo vai falar de alguma maneira.” E isto é muito mau, porque nós inconscientemente vamos tendo expressões que... quando se está com um grupo de alunos... parecendo que não tem influências completamente diferentes em termos de comportamento nos jovens e nos alunos. Por isso é que muitas vezes não é preciso fazer nada. Não é? Muitas vezes estes miúdos integram-se naturalmente. Quando isto não acontece é difícil. É difícil porque depois, tentar compreender porque é que aquele miúdo tem aquele comportamento, se é realmente... capacidades, dificuldades de aprendizagem, se há ali dificuldades cognitivas se são já dificuldades em termos de saúde mental, se há ali já uma destruturação ou se realmente são fatores emocionais e motivacionais que estão ali a fazer com que este miúdo tenha este comportamento. É muito difícil nós depois conseguirmos perceber mesmo, mesmo, mesmo onde é a causa daquilo. Porque depois os miúdos têm muitos mecanismos de defesa e são muito descrentes dos adultos, já não acreditam muito nos adultos. E chegar até estes alunos muitas vezes torna-se muito difícil. Se me perguntas se a escola de vez em quando falha. Falha. Falha neste sentido porque há miúdos que nós vemos que estão em sofrimento enorme e não conseguimos ajudar.

5. Existem situações limite, em que a escola não consegue dar resposta ao aluno? Em termos de sucesso educativo e de disciplina? E como atua nessa situação?

Há algumas situações que para as quais nós, humildemente, temos que reconhecer que não conseguimos. Se de facto ficamos contentes, satisfeitos, quando verificamos... constatamos, que há uma situação foi ultrapassada satisfatoriamente também, como disse, temos a humildade de reconhecer que há situações limite que... que não conseguimos dar resposta... e... e enfim... e por vezes há situações que por vezes, dificilmente... não têm a ver com a

nossa escola. Têm a ver com uma série de condicionantes onde é difícil estabelecer e promover alterações. Aí têm que ser outro tipo de instituições e, mais uma vez, tem que ser uma rede alargada... a nossa rede de parceiros alargada tem de dar resposta.

6. Como atua a instituição / o agrupamento para reverter a situação de rutura com a escola e abandono escolar dos alunos? Que mecanismos tem a escola para inverter este processo de insucesso repetido e risco de abandono?

Tem muito poucos porque a escola tem que ser igual para todos, não é? E enquanto estes miúdos não se sentirem valorizados, não sentirem que têm lugar na escola, que conseguem ser bons em alguma coisa e que as pessoas lhes digam “Olha, tu foste bom nisto...” torna-se muito difícil, mesmo muito difícil... Eu costumo dizer: é muito fácil ser professor de bons alunos e acho que um verdadeiro professor vê-se quando tem alunos difíceis à frente. E aí, sim. É o grande desafio. E um professor... e quando falo em estratégias falo num conjunto de toda a gente numa escola. Eu, psicóloga, se não tiver a vossa colaboração, se não tiver a vossa ajuda, se eu não tiver a ajuda da família, se não tiver, se calhar, a ajuda de outras entidades, outros parceiros externos: a CPCJ, a Santa Casa da Misericórdia... não se consegue fazer nada, não se consegue realmente inverter este ciclo. Muito em trabalho de colaboração. Encontrar o caminho... dentro da dinâmica que o aluno tem, dentro da forma de ele ser como é que nós podemos ajudá-lo e isto só se faz através de uma relação de proximidade. Isto só se faz através de empatia, de muito respeito pelo aluno e de muita afetividade com o aluno. Só desta maneira é que se consegue chegar junto destes alunos e conseguir aqui construir alguma coisa. Mas é muito difícil inverter este ciclo e não é muito fácil ajudar os alunos. É um desafio.

1. Poderá o deslocamento de uma abordagem mais formal e tradicional do currículo para uma abordagem conjugada e interdisciplinar das diversas áreas curriculares com recurso às TIC promover o sucesso dos alunos?

Sim. Eu acho que, não só estes mas eles todos. Todos eles porque... acho que, antes do currículo, como eu disse há pouco, é a relação. Estes alunos que têm esta crença de autoeficácia muito baixa, que acham que mesmo com esforço não conseguem e desistem, mais do que tudo é estabelecer aqui uma relação de confiança, proximidade. Ter adultos que acreditam neles. Isto é a primeira coisa. E depois terem um currículo em que percebam para que estão a aprender. Dar funcionalidade às aprendizagens. Hoje em dia ensinam-se coisas completamente distantes da vida. Para que é que estou a aprender isto? Para que é que me serve? Se realmente se desse aqui funcionalidade à aprendizagem eu acho que estes alunos se envolveriam de outra maneira. E as TIC parece-me a mim ser uma arma muito boa que os professores têm porque os alunos hoje em dia nascem a aprender a mexer na tecnologia. São intuitivos... E cada vez, em termos de desenvolvimento, há cada vez mais interação. Há cada vez mais aprendizagem através da parte tecnológica, de uma forma não formal. Certo? Eles aprendem em casa. Os youtubers... Há muitos miúdos que querem ser youtubers. Isto há uns anos atrás nem se pensava. Nem se falava. O que é ser youtuber? E acho realmente que a tecnologia é... é uma ferramenta que os professores têm que poderia ajudar os alunos a descobrir a funcionalidade da aprendizagem das diferentes disciplinas. E através também desta forma de comunicação através das novas tecnologias, podia-se, perfeitamente, dinamizar os tais trabalhos de projeto. Por os miúdos realmente a fazer... Para já respeitava-se o ritmo de aprendizagem deles. Eles iam trabalhando ao seu ritmo, iriam surgir problemas que, de uma forma ou de outra, eles iriam procurar ajuda para os resolver ou tentariam resolvê-los sozinhos. Não acumulavam os problemas, iam tentando resolvê-los. Eu penso que isto iria ajudar, não só os alunos com dificuldade de aprendizagem mas também estes alunos com insucesso... Porque eu acho que andariam muito mais felizes. O motor de arranque seria a tecnologia. E através das tecnologias nós iríamos aprender língua portuguesa, matemática, história... através destes trabalhos todos de projeto que... acho que ajudavam muito os miúdos a serem autónomos porque cada vez estes miúdos são menos autónomos. Cada vez estes miúdos estão mais habituados ao fast food. “Quero tudo feito. Trabalho? Não!” E porquê? Porque efetivamente as coisas vão-lhes aparecendo todas feitas. Mesmo na sala de aula, não é? Quando nós lhes pedidos para eles trabalharem eles têm cada vez maior resistência ao trabalho. Porque realmente aquilo não é interativo. Aquilo é aborrecido. E se calhar as tecnologias têm que passar... têm que se impor mais numa sala de aula. Para já,

muitos dos problemas disciplinares têm a ver com os currículos muito maçadores. Com a pressão dos professores para cumprir o currículo. Vocês têm uma pressão doida. “Eu tenho que dar isto. Quer eles saibam, quer não. Eu tenho que dar isto. Eu pus isto no sumário. Se eles aprendera? Isso já é diferente. Mas eu dei.”. Pronto. Mas se calhar vocês precisavam de mais tempo porque os alunos não aprenderam ao ritmo que está na planificação. Isto porque eles estão completamente desmotivados. E a escola vai ter que dar uma volta. Porque se não ser uma volta, isto vai ser um crescendo. Estes miúdos com insucesso, estes miúdos desmotivados e os problemas de indisciplina. Eu já tenho quase cinquenta anos. Agora... a escola... eu quando vou, por exemplo, a uma sala de aula, eu lembro-me das minhas aulas. Era tal e qual. Igual. E no meu tempo não havia telemóveis e no meu tempo não havia internet e no meu tempo não havia... E isto efetivamente assusta-me, incomoda-me e preocupa-me. Porque a escola tem que dar uma reviravolta muito grande. Porque senão isto cada vez tem maior tendência para aumentar: miúdos com insucesso, miúdos mais indisciplinados, que... para mim... isto é sinal de saúde mental. Eles estão a dizer-nos “Isto não serve. Queremos outra coisa.”.

2. Em que medida considera que a introdução das TIC na lecionação do currículo teria impacto na aquisição de competências nos alunos com insucesso?

Eu acho que poderia ser porque em primeiro lugar começávamos logo a... ou seja... permitíamos aos alunos que nos mostrassem logo as competências deles. Porque estes miúdos a este nível das tecnologias são bons, eles sabem mexer, eles sabem pesquisar, eles sabem trabalhar, portanto, logo à partida eles começavam a ter expectativas positivas. “Eu vou ser capaz.” Logo à partida isto era motivante para eles. Portanto, começava-se logo bem. “Eu vou conseguir. Isto é fácil. Então se tenho o computador isto vai ser fácil. Isto eu sei fazer.” As tais crenças positivas “Eu vou conseguir.”. E logo vai ser o motor de arranque para a motivação aparecer e para eles começarem a fazer o tal esforço. E ter resultados. Porque eles... o processo dominam. E depois os resultados são visíveis... vêm-nos. Ou seja, vão tendo um feedback imediato, porque o que falta efetivamente nestes alunos é o feedback sobre o processo, sobre o processo de aprendizagem do aluno e não o resultado final. Porque é que os miúdos gostam tanto dos jogos e porque é que os jogos têm tanto sucesso? Porque num jogo o miúdo está sempre a ter um feedback. Num jogo, o miúdo percebe realmente que não obteve... não passou de nível e se calhar percebeu porque não passou de nível. Então vai tentar novamente e, acho que é isto, que está a faltar nas aulas: os miúdos terem desafios, porque os miúdos não têm desafios na sala de aula. Num jogo, com o computador, há desafio.

Os miúdos têm que passar de nível. E o nível, não é ter o três no final do período. O nível é naquele imediato. “No final da aula vou ver se passo de nível.”, não há estes desafios. Muitas vezes os miúdos sentem falta disto, porque é o que eles querem e o que eles gostam: são os desafios e os resultados imediatos. E as novas tecnologias, se arranjássemos uma forma de eles trabalharem desta maneira em que, por exemplo, eles leem um texto e depois de lerem o texto terem um exercício qualquer e neste exercícios eles sentirem que passaram de nível, se calhar vêm as coisas de outra maneira e incentivam-se de outra maneira do que estarem ali, muito parados a ouvirem o professor, durante noventa minutos. É muito complicado. E não são só estes miúdos desmotivados. Nós quando vamos a uma formação e que estamos uma manhã numa formação... se o orador, o formador for uma pessoa que utilize muito poucos recursos visuais, utilizar muito pouca tecnologia... nós damos por nós a fazer o quê? Discretamente, a pegar no telemóvel, a ver se temos alguma mensagem, ver o facebook... Portanto, nós damos por nós a fazer precisamente o mesmo que os nossos alunos fazem e que nós ficamos irritadíssimos e vêm tantas vezes para a rua e com falta disciplinar. E muitas vezes não nos pomos em causa. O problema é o aluno, ele é que não está com atenção. E muitas vezes se nós virmos como é o nosso comportamento quando estamos numa formação... Eu dou comigo a fazer isto... psicóloga. Quando realmente o tom é monocórdico, ou estou ali e tenho dificuldades em acompanhar porque o que oiço não me está a cativar e dou por mim a ter uma grande dispersão. As tecnologias parece-me que seriam um bom recurso para estes alunos, a nível da motivação. E volto a reforçar, não só os alunos com insucesso escolar mas todos eles.

3. Seria realista, tendo em conta a realidade da escola, pensar num cenário de criação um percurso curricular alternativo em que o currículo fosse lecionado mediante a introdução efetiva das TIC?

Eu acho que é muito possível. Criando uma turma de currículos alternativos, que já temos, com uma dinâmica completamente diferente. Agora diz-me, os professores têm formação para isto? Não. Não têm. Os professores estão dispostos a isto? Não. Não estão. Infelizmente não estão. Agora... tem que passar por eles. Tem que passar por eles. Tem que passar... efetivamente para o professor perceber que há outras maneiras de ensinar... o currículo está lá, os objetivos têm que estar lá mas temos que fazer isto de maneira diferente, e... eles têm que, os professores, têm que se ajudados nisso. Têm que aprender a fazer, mas, para mim, aqui na escola, criando uma turma de percurso curricular alternativo, turmas que são dirigidas a alunos com insucessos cumuláveis, idades inferiores a quinze anos, que estão em risco de

abandono escolar, que estão em risco de retenções repetidas... Portanto, o PCA é um percurso dirigido a estes alunos, certo? Nós temos. Nós temos cá na escola. O que é que está a acontecer? Por mais que se tente fazer diferente, há uma grande resistência por parte dos docentes. Porque também não sabem fazer. E se calhar é assim, se eu não sei fazer um bolo eu tenho que ir ao meu livrinho de receitas ou então agora também vou à net. Lá está. A tecnologia. Para aprender a fazer, não é? Porque senão eu prefiro não fazer. E os professores é um bocadinho a mesma coisa. Se não sabem fazer também preferem não fazer. E fazem aquilo que sabem, que dominam. Isto era possível, sim. Mas teria que realmente haver muita supervisão muita monitorização da forma de lecionar, de forma a os professores também sentirem que estão a construir alguma coisa. Certo? Porque os professores também têm que sentir que estão a construir, que estão a conseguir que aqueles alunos vão em frente. E sinto que também o professor dá tudo, faz tudo e faz pelo seu melhor e tem muito boa vontade mas falta realmente aquela forma de saber fazer. Falta formação e a tal monitorização. Que também falta a estes miúdos que é ao longo do processo dizer “olha, se calhar, fazes melhor assim. Se calhar, até fizeste bem mas repete isto.”. Falta muito este acompanhamento. E quando digo que falta trabalho de cooperação da vossa parte, da classe dos professores, é um pouco a este nível.

4. Poderia esse percurso alternativo, aliado a uma avaliação centrada no processo de aprendizagem, inverter o processo de rutura dos alunos com a escola e consequente abandono escolar?

Eu... parece-me que sim. Os alunos iam tendo sucesso. Eles iam vendo que até estavam a conseguir. E mais importante: eles aprendiam. Há muitos alunos que têm três e não sabem. Porque, hoje em dia, o método de estudo é decorar, nas vésperas e pronto. Não retêm nada. Isto é aprender? Se calhar não, se passadas duas semanas eu perguntar alguma coisa, são ficou lá nada. Mas teve cinquenta ou setenta e tal no teste de história. Está lá a nota. A nível de aprendizagem... a aprendizagem é o processo todo. E lá está, se estes alunos, ao longo do processo, começarem realmente a ver que até estão a conseguir, que até conseguem bons resultados, eu acho que estes alunos se motivam. E vêm que são capazes e que vão conseguir. Para mim, a aprendizagem de um aluno centra-se mais ao longo de todo o processo do que no resultado final e nós temos que avaliar o processo. Acho que isto iria ajudar bastante estes alunos neste sentido. Porque... toda a gente quer ter sucesso. Todos nós: eu quero ter sucesso, tu queres ter sucesso... Quando há uma maior dificuldade a nossa tendência muitas vezes é “Afim isto é mais difícil, se calhar fiz bem, não fiz...em meter-me nisto” mas depois

conseguimos dar a volta. Porque se calhar temos outras estruturas, temos outros recursos que estes miúdos não têm e que depois acreditam que realmente não são capazes. E se calhar se nós ao longo do processo formos dizendo “Olha, tu conseguiste isto. Não conseguiste chegar lá mas houve melhorias a este nível, a este nível a este nível... Ok, neste não houve tantas melhorias mas aqui tu evoluíste. O caminho é por aqui. Vamos lá, não desistas!”. Este tipo de trabalho... Incentivarmos, olharmos com olhos de esperança para este processo e transmitirmos este reforço aos alunos, eu penso que isto vai fazer com que este ciclo de insucesso seja quebrado, destes alunos desistirem. Sabes? E acho que tem que passar muito por aí. Agora, um professor tem disponibilidade para isto? Há alguns que têm, porque isto é muito intuitivo. Eu sinto que há muitos professores que têm uma personalidade inata para isto, para realmente olhar para o processo e não para o resultado final e outros é mais difícil... pronto. Esta hipotética flexibilização do currículo com introdução das TIC não seria então possível de concretizar sem uma importante e grande alteração a nível da avaliação, porque a monitorização é muito importante quer para o aluno, quer para o professor. Mas eu acho que é como em tudo... Se não vai havendo um feedback do trabalho... estes miúdos que estão em construção, em que é tudo muito incerto, se não tiverem nada ou ninguém ao longo do processo de aprendizagem, a dizer “Está bem. Gostei. Foste capaz. Estás melhor do que na semana passada. Estou a gostar de ver este teu esforço”, se não forem os adultos a fazer este tipo de acompanhamento, e a esperar só pelos resultados finais, então eu acho que é muito difícil. Teria que haver alguma rutura com a avaliação formal... Não completamente, porque a avaliação formal final teria que existir também, mas se calhar os resultados seriam diferentes, porque houve aprendizagem. Acho que é importante perceber-se que uma avaliação formal, final é um bicho papão muitas vezes porque... lá estão as nossas inseguranças novamente. Achamos que não ensinamos mas demos a matéria mas que eles não aprenderam, então o resultado final vai ser pior, não é? Se houver este acompanhamento ao longo do processo, a aprendizagem consolida-se e aprendizagem faz-se. Logo quando houver um resultado final, as coisas aparecem, o aluno sabe. E isto é bom. É reconfortante. Acho que também devem haver momentos de avaliação formal para que os alunos percebam que afinal também estão a conseguir fazer.

Assim concluímos a entrevista, muito obrigada pela sua colaboração.

ANEXO 6

TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA – PROFESSOR DO 2º CICLO

BLOCO 1

A presente entrevista tem como objetivo a recolha de informação que permita compreender como poderão as TIC contribuir para a promoção do sucesso educativo em alunos com insucesso escolar repetido e em risco de abandono escolar precoce. Insere-se no contexto da investigação desenvolvida no segundo ano do Mestrado em Educação e Tecnologias Digitais do Instituto de Educação da Universidade de Lisboa, estando garantidos o anonimato e confidencialidade dos dados recolhidos.

O seu contributo é fundamental para este estudo, nomeadamente na identificação do tipo de problemas que caracterizam os alunos em risco de abandono escolar precoce, estratégias implementadas pela escola para promoção do sucesso educativo destes alunos e na compreensão da perspetiva da escola face à gestão do currículo e integração das TIC como estratégia de promoção do sucesso educativo.

Tem alguma questão?

Não.

Autoriza a gravação desta entrevista?

Sim.

BLOCO 2

1. Como descreveria o perfil do aluno com insucesso escolar repetido e em risco de abandono?

Um aluno desmotivado, triste, sem linhas de orientação e sem referências para... mas com vontade, é desmotivado mas... querendo fazer qualquer coisa. Não sabe como começar, não sabe quem o vai orientar, não tem referências. Ao nível da família existe também muita destruturação sobretudo o quadro com que é costume trabalhar aqui nesta escola.

2. Que problemas são mais evidentes nestes alunos relativamente às suas vivências escolares?

Relativamente às vivências escolares eles já trazem um background de maus hábitos relativamente à forma como devem gerir o tempo que têm disponível e, portanto, a organização mesmo ao nível mental torna difícil o enquadramento com a escola. Eles por vezes vivem coisas que estão mais que habituados a ver extraescola e quando são referenciados ou confrontados com realidades para debaterem eles já as conhecem. Estamos a falar de violência seja passiva, seja ativa. Estamos a falar de problemas familiares onde existe violência doméstica, onde existe violência psicológica onde existe uma pressão psicológica muito grande e estamos a falar de alguns alunos que não têm problemas financeiros mas têm vivências difíceis. Isso torna difícil a vida e a integração na escola. A relação com os colegas e com os professores eu aqui vejo de duas... eu aqui vejo duas visões: vejo o aluno que se afasta do grupo-turma e se liga muito aos professores e que esse até tem algum sucesso académico mas depois sucesso entre pares não tem muito. Não é muito apreciado pelo grupo-turma. E depois há os outros que têm muito sucesso que são muito acarinhados pelo grupo-turma mas que depois, ou se consegue ir buscar alguns interesses que são comuns a todos e se atrai para um relacionamento mais estável entre professor-aluno. Ou existe um conflito constante entre professor e aluno e isso não é exequível com aquilo que se pretende do aluno.

3. Como se caracterizam as relações parentais e/ou as estratégias familiares de acompanhamento destes alunos e cooperação com a escola? Poderá dizer-se que são deficitárias?

Como tutor e diretor de turma... se a maior parte dos agregados familiares, em que pai e mãe trabalham, tivessem a disponibilidade que é exigível com estes alunos para estarem em contacto connosco nem que fosse telefonicamente seria mais fácil. Mas o que eu tenho verificado como professor, como diretor de turma e até como tutor, é que não existe muita articulação pais, alunos, escola, professores, tutores... não existe. Existem contactos pontuais para os casos mais graves em que é preciso intervir rapidamente. E depois... a pouco e pouco vai havendo um desleixo contínuo. Existe mais remediação do que propriamente prevenção e de trabalhar uma situação que se nota que existe. E depois é fácil catalogá-los com hiperatividade, é fácil dar-lhes o prémio, é fácil castigá-los... É mais fácil dar um prémio e castiga-los do que propriamente trabalhar estes problemas em casa com atividades que podem ser parecidas com as atividades da escola... do... tomar nota de um recado, ajudar a fazer isto ou aquilo e... do criar laços de cooperação do que propriamente... e isto dá trabalho. E agora o que ser vê é remediação. “Fez isto? Então vou dar-lhe um castigo. Então, fez

quilo? Já não lhe dou a Playstation ou já não lhe dou o telemóvel?”. Funcionam muito prémio – castigo, prémio – castigo e isto desarticula muito o trabalho com a escola.

4. Pode estabelecer-se um paralelo entre a pertença a um grupo, nível sócio económico, comunidade ou minoria étnica com características fortemente demarcadas e o insucesso repetido / abandono escolar?

Sim. Bom... a nível socioeconómico, atualmente, seja baixo, seja médio, seja alto,... todos eles têm acesso à informação às tecnologias, a Tablet a telemóveis e a tudo o que são equipamentos existentes. E mesmo em termos de minorias étnicas, alguns até têm acesso a algumas coisas que mesmo eu, enquanto professor, alguma vez tive... Tablets, computadores... No entanto, ao nível das minorias, falta trabalho, enquadramento ... enquadramento social. É muito fácil falar em tolerância mas é preciso trabalhar a tolerância de dentro para fora também. Estou a falar principalmente das comunidades de etnia cigana. São muito fechadas. São muito abertas em determinados aspetos porque querem ter acesso a tudo mas depois são muito fechados. Os rapazes chegam a uma determinada idade e têm que deixar a escola, já vão começando a estudar até mais tarde. Mas mais cedo ou mais tarde, deixam. As expectativas são baixas. O sucesso é apenas para aquilo que é essencial que é fazer contas, trabalhar para o negócio e aprender, quanto muito, os esquemas de comércio paralelo a que estão habituados. Agora em relação a outros grupos níveis socioeconómicos, às vezes há mais um afastamento entre pais e alunos, sobretudo os que têm um nível socioeconómico mais alto. É difícil... Eu já tive alunos que pertenciam a um nível socioeconómico médio-alto e os pais acompanham mas são casos raros, a maior parte dos pais não acompanham porque a carreira está em primeiro lugar. Não há um meio-termo. Não há uma estrutura equilibrada que permita a estes miúdos enquadrarem-se com a escola e criarem expectativas. A comunidade tem um papel na desmotivação e no abandono escolar. Mas em relação ao abandono escolar, vê-se mais nos alunos de minorias étnicas e em comunidades. Eu pensei que não, quando comecei a trabalhar mais com comunidades africanas... Esta escola tem uma panóplia de comunidades africanas bastante interessante de trabalhar mas... um guineense não gosta de ser confundido com um santomense e nós esquecemo-nos que uma pessoa do norte não gosta de ser confundida com uma pessoa do sul. E se tentássemos trabalhar e houvesse uma formação ao nível dos professores e houvesse algo motivador para estes miúdos seria mais fácil integrá-los. E seria mais fácil dar-lhes ferramentas para que eles não fossem cair neste insucesso repetido. Falta integração.

BLOCO 3

1. Que medidas promotoras de sucesso escolar são implementadas pela escola?

Existem várias medidas promotoras de sucesso mas não estão articuladas. Nós temos: equipas de pessoas que fazem parte da comunidade escolar mas que pertencem a associações externas à escola, nomeadamente... o projeto **Raízes (RETIRAR NOME)**. Mas depois não articulam com a psicologia educacional, não articulam com a direção e não articulam com os diretores de turma. Ou seja, circulam, conversam com os alunos mas é localizado. Só tratam dos casos deles, ou seja, faltava aqui um gabinete de apoio ao aluno e à família, mas que funcionasse com uma verdadeira articulação entre todos os parceiros. Eu quando trabalhava noutra agrupamento, conseguimos fazer isso. Leva tempo? Leva. Levou um ano e meio a conseguir que isto se articulasse. Mas quando começámos a pôr isto em prática, nós tínhamos uma psicóloga como temos aqui, cheia de trabalho... mas tínhamos outro grupo onde existia uma psicóloga educacional que estava em articulação com alguém que dava apoio às famílias e que era externo à escola mas que estava em constante contacto com a direção e havia um elemento da direção que, todas as semanas, fazia uma reunião de trinta minutos em que aferíamos o que estava a acontecer. Neste momento, eu como diretor de turma, sei que tenho alunos apoiados a estes níveis, mas não tenho feedback se não for eu a tomar a iniciativa e ir saber. Existem medidas promotoras de sucesso mas não estão articuladas.

2. Que serviços de acompanhamento ou aconselhamento se revelam importantes na escola e quais deveriam nela devam existir?

Nós por exemplo temos uma turma de PCA e a turma de PCA é acompanhada pela boa vontade dos professores que fazem parte do conselho de turma. Porque não é fácil acompanhar uma turma com aquelas características. E não é fácil fazer um conselho de turma para um PCA. E... lá está... falta aquele grupo ativo que devia estar constantemente ligado, nem que fosse através de uma plataforma informática. Que faz falta, para articular, juntar as peças.

Também falta uma verdadeira sala de TIC. Existe uma sala de informática mas não está preparada para receber alunos da forma que seria produtiva. Faltam equipamentos, faltam materiais, os equipamentos estão obsoletos.

Existem apoios. Existem. Mas não está lá o professor adequado para aquele apoio. Existem apoios educativos que deveriam ter pessoas determinantes para o que estão a fazer. E isso devia ser... se a escola tem alguma autonomia, devia poder gerir esses professores de forma a depois

não sobrecarregá-los com outros trabalhos. Porque, medidas promotoras de sucesso escolar, com uma equipa que funcione para aquela turma, para um tipo de alunos tem que ter tempo para sentar, reunir, pensar, preparar materiais... E não fazemos nada disto. O ministério obriga os professores quem para além dessas turmas tenham outras turmas e tenham o trabalho normal de uma turma regular. E os professores a fazer esse trabalho não são professores normais, têm que ser apoiados. Apoiados a todos os níveis... com intervenção da psicologia. Isto dá trabalho. Isto não existe. Os CEF's... apesar de a escola ter espaço, não tem uma estrutura preparada para receber CEF's. Com a Junta de Freguesia... devia ser... Os PCA's deviam ter uma prática além escola. Porque fartos da escola estão os miúdos. Noutro agrupamento eu tive uma turma de PCA que fazia segunda, terça e quarta escola e quinta e sexta trabalhavam. Tinham prática. Tinham um que estava a aprender o ofício de mecânico de automóvel, outro de mecânico eletricista, uma miúda que estava numa cabeleireiro, outra a aprender a fazer unhas... três que estavam na Salvador Caetano a aprender a montar para-brisas. Estamos a falar de miúdos com dezasseis anos e estavam a ser preparados para entrar no mercado de trabalho. E isto não existe. Isto deixou de existir assim desta forma. Devia haver mais prática onde as disciplinas nucleares como as Ciências, a Matemática, a História e o Português pudessem existir mas deviam ser integrados. Como... as Ciências com a História, tipo Homem e ambiente, porque fartos das histórias dos reis estão eles. O currículo deva ser mais adequado à problemática dos alunos e não ao que o Ministério exige. O Ministério exige uma carga horária de aulas teóricas muito acima daquilo que é necessário. É mais importante estar com eles. A prática. Introduzir-lhes valores sociais.

3. De que forma é que o sistema disciplinar existente na escola coopera com as medidas promotoras do sucesso educativo implementadas?

Mais uma vez existe desarticulação. As medidas existem mas não estão bem implementadas. Penso que no caso destes aluno que de insucesso que ao mesmo tempo têm problemas disciplinares, devíamos conseguir com que... o miúdo é chamado, mas logo a seguir é chamado o encarregado de educação. Às vezes são coisas urgentes e nem sempre a estrutura social permite logo chamar o encarregado de educação. Muitas vezes percebemos que o aluno vai muitas vezes ao gabinete e vai sempre pelas mesmas coisas, vai sempre por causa do mesmo professor. Então aqui temos que fazer um trabalho conjunto. Não só promover a estabilidade do aluno mas promover também alguma estabilidade ente o professor e o aluno. O trabalho devia ser com as duas partes e não só um.

4. Que tipo de resposta existe na escola para um aluno com insucesso escolar e problemas graves de disciplina?

A escola responde dizendo que temos que sinalizá-lo para a CPCJ, dizendo que temos que contactar o encarregado de educação... A escola responde de acordo com aquilo que a lei exige. E tudo isto, muitas vezes, demora tempo. Até que estas soluções possam ser implementadas.... Demora tempo. E...quando se implementa, para mim, já é tarde. O ano letivo já acabou. E depois mais uma retenção, mais um ano, mais desmotivação. A escola tem respostas, mas levam muito tempo. São muito demoradas.

5. Existem situações limite, em que a escola não consegue dar resposta ao aluno? Em termos de sucesso educativo e de disciplina? E como atua nessa situação?

Estamos a remediar e... E custa-me. Estes alunos ficam para trás. Devia haver uma equipa multidisciplinar que existe regulamentada na lei mas que não funciona. Enquanto a educação é vista como uma despesa e não como um investimento. A escola tem que ter meios para poder responder. E uma equipa multidisciplinar que envolva família, PSP, Juntas de Freguesia, Psicologia Educacional, Psicologia Clínica... porque esses casos limite são situações de perturbação também. Apoio à família, ao professor... É possível reverter algumas situações. Falta formação. Falta formação adequada A cada escola, a cada agrupamento, a cada grupo... há uma formação generalizada. É transmitida de igual modo a todos os professores sejam de escolas boas, sejam de escolas más... de contextos mais difíceis. Deveriam... os formadores... a formação deveria ser pensada de acordo com o público-alvo da escola. Esta escola tem estes alunos e estes professores. Primeiro tem que se conhecer a escola e depois é que se prepara a formação de acordo com cada agrupamento.

Estamos a remediar e... E custa-me. Estes alunos ficam para trás. Devia haver uma equipa multidisciplinar que existe regulamentada na lei mas que não funciona. Enquanto a educação é vista como uma despesa e não como um investimento. A escola tem que ter meios para poder responder. E uma equipa multidisciplinar que envolva família, PSP, Juntas de Freguesia, Psicologia Educacional, Psicologia Clínica... porque esses casos limite são situações de perturbação também. Apoio à família, ao professor... É possível reverter algumas situações. Falta formação. Falta formação adequada A cada escola, a cada agrupamento, a cada grupo... há uma formação generalizada. É transmitida de igual modo a todos os professores sejam de escolas boas, sejam de escolas más... de contextos mais difíceis. Deveriam... os formadores... a

formação deveria ser pensada de acordo com o público-alvo da escola. Esta escola tem estes alunos e estes professores. Primeiro tem que se conhecer a escola e depois é que se prepara a formação de acordo com cada agrupamento.

6. Como atua a instituição / o agrupamento para reverter a situação de rutura com a escola e abandono escolar dos alunos?

Estamos a remediar e... E custa-me. Estes alunos ficam para trás. Devia haver uma equipa multidisciplinar que existe regulamentada na lei mas que não funciona. Enquanto a educação é vista como uma despesa e não como um investimento. A escola tem que ter meios para poder responder. É uma equipa multidisciplinar que envolva família, PSP, Juntas de Freguesia, Psicologia Educacional, Psicologia Clínica... porque esses casos limite são situações de perturbação também. Apoio à família, ao professor... É possível reverter algumas situações. Falta formação. Falta formação adequada. A cada escola, a cada agrupamento, a cada grupo... há uma formação generalizada. É transmitida de igual modo a todos os professores sejam de escolas boas, sejam de escolas más... de contextos mais difíceis. Deveriam... os formadores... a formação deveria ser pensada de acordo com o público-alvo da escola. Esta escola tem estes alunos e estes professores. Primeiro tem que se conhecer a escola e depois é que se prepara a formação de acordo com cada agrupamento.

BLOCO 4

1. Poderá o deslocamento de uma abordagem mais formal e tradicional do currículo para uma abordagem conjugada e interdisciplinar das diversas áreas curriculares com recurso às TIC promover o sucesso dos alunos?

Pode. Pode porque muitos destes alunos têm acesso à internet. Muito mais rápida e com acesso à informação que eu, enquanto professor, em certas áreas me sinto obsoleto e ultrapassado. Eles tratam as redes sociais e aplicações por tu. Coisa que noventa e cinco por cento dos professores numa escola não consegue. Na escola a ligação à rede está sujeita à vontade de um elemento externo por causa da parceria entre o ministério e a empresa que fornece o serviço de internet. Depois porque é necessário garantir que há segurança. Os miúdos têm uma apetência para usar as tecnologias e as TIC muito mais desenvolvida do que nós adultos. E é natural. Eles pertencem a uma geração que vai... eles são a geração digital. E o recurso às TIC... claro que promove o sucesso escolar. Não só o sucesso escolar como a aprendizagem e a partilha de conhecimentos

entre alunos e até entre aluno e professor. Eu fico contente quando aprendo com eles. Dou-lhes importância, dou-lhes a atenção que eles precisam. Eles mostram conhecimentos. Ficam contentes porque têm sucesso numa área em que muita gente não tem. E a minha intenção é... aproveitando os conhecimentos deles que, em alguns casos, são até superiores aos meus, eu levo-os onde quero. As TIC teriam aqui um impacto forte na aquisição de conhecimentos e mesmo na promoção do sucesso escolar: valorizar-se a si próprio “afinal eu sou capaz, eu sei coisas. Afinal eu sei coisas que os outros não sabem.” Os miúdos deixam de sentir que são uns coitadinhos e desgraçados... revoltados... que têm que andar a bater em toda a gente só porque nasceram no bairro e vivem na zona quatro ou na zona dois. “Afinal eu sei coisas, os professores gostam de mim”. Se isto se conseguisse era fantástico.

2. Em que medida considera que a introdução das TIC na lecionação do currículo teria impacto na aquisição de competências nos alunos com insucesso?

Por exemplo no Inglês. Eles detestam o Inglês e ter aula de Inglês. Mas no Inglês funciona muito bem o e-learning. As plataformas de e-learning são ótimas para as línguas estrangeiras. Aprende-se rápido. Até eu. Achava que não era capaz mas tenho aprendido imenso nas plataformas de línguas estrangeiras. Ajudam imenso. E eles não tinham necessariamente que estar dentro de uma sala de aula. Podiam estar noutra espaço e aprender. E tinham um ensino menos formalizado. Obrigá-los menos a estar dentro de uma sala. Eles não estão habituados. São miúdos que passam o resto do dia na rua. Um portátil leva-se para qualquer sítio. Teria que também se promover uma responsabilização ao nível das famílias e aí os cursos de Encarregados de Educação são fundamentais e deixei de os ver nas escolas, cursos que promovem a formação de encarregados de educação. No sentido de criar também valores de pertença de cuidado com os bens de todos. O cuidado com os materiais.

As famílias reconheceriam este ensino diferenciado como válido?

Eu vejo isto de duas maneiras: as famílias que sim, que até querem mas não sabem como. E vejo as outras famílias que acham que não serve para nada “Ele sempre vai ser calão. O pai também era. O avô também era”. Baixas expectativas.

3. Seria realista, tendo em conta a realidade da escola, pensar num cenário de criação um percurso curricular alternativo em que o currículo fosse lecionado mediante a introdução efetiva das TIC?

A escola teria que fazer um esforço grande. E tinha que, em parceria com o ministério arranjar equipamento adequado, pessoas capazes de garantir a segurança do equipamento e a manutenção de uma forma regular. E isso não existe. Não existe nesta escola e não existe em nenhuma. Falta às escolas condições para trabalhar a este nível. É possível? É. Os professores... eu às vezes, em jeito de brincadeira, costumo dizer que vai tudo aprender informática outra vez. Os professores têm muita falta de pré-requisitos. Há coisas que pensamos que sabemos mas quando começamos a trabalhar não sabemos. E as escolas estão presas aos núcleos de formação contínua, que muitas vezes, em articulação com o ministério, deviam promover este tipo de formações a custo zero. Eu tenho feito algumas formações mas são todas pagas. Há tanta parceria público-privada e esta que é essencial que é o investimento no futuro do país não se faz.

A falta de formação dos professores causa afastamento e desinvestimento nas TIC como ferramenta de aprendizagem?

Também é. Muitas vezes também temos hipótese de fazer as coisas e não fazemos. Não fazemos por diversas razões: ou porque o que aprendemos na formação depois não conseguimos aplicar na escola onde estamos. Porque não sabemos se vamos estar naquela escola no próximo ano. O não temos material que dê para por em prática o que aprendemos. E as coisas vão caindo no comodismo. E era necessário que todas as escolas mais do que edifícios fantásticos tivessem material adequado e equipamento rápido, recente... que promovesse a exequibilidade das aulas. Eu preparo as minhas aulas no computador. Raramente tenho papéis. Há muito professores porém que não conseguem. Que resistem e não usam as coisas. O livro está na internet mas eles metem a pen. O livro está na net e colocam o CD. Os professores acham que os miúdos aprendem com as TIC os professores é que, devido ao cansaço e burocracia a que se veem sujeitos não se sentem motivados e desprezam as TIC. E também... têm uma ânsia de debitar informação. E quando olham para a turma... cada um olha para seu lado e ninguém pede atenção. E depois manda recado por causa da falta de atenção na caderneta. Isto é que falha. Sentem-se mais seguros a debitar a matéria que é uma coisa a que estão habituados do que propriamente trabalhar a aula com a ajuda da informática. Para mim é rara a aula em que eu não tenha que fugir do livro.

Felizmente que fujo do livro. Quando dou português também fujo do manual. Vou para a net. Publico as coisas deles, os poemas... mesmo que não tenham grande utilidade. Mas são os trabalhos deles. Acho que faço parte de uma pequena minoria que sai do manual. O ministério não promove a utilização das TIC. Os professores não têm tempo para planear. Não têm tempo para reunir com calma. Os períodos são muito longos, não há paragens a meio. O trabalho com as TIC exige muita planificação. A Espanha está a aproximar-se de modelos... a França não abdicou de parar de dez em dez semanas ou de doze em doze semanas. E resulta. Eles agora estão a tirar partido disso... dos modelos. E nós somos ansiosos. Somos um país ansioso. Não resulta num ano... volta a fazer de novo. Nunca deixamos que nada avance. Nunca deixamos que as coisas que podiam ter efeitos positivos avancem porque tudo à volta é desmotivante. Eu posso fazer formação nas TIC mas se não me derem computadores e carga horária para eu poder trabalhar e aplicar o que aprendi, de que é que me serve? Não me serve de nada. E isso é desmotivante. E isso faz com que todo o grupo docente se torne resistente.

4. Poderia esse percurso alternativo, aliado a uma avaliação centrada no processo de aprendizagem, inverter o processo de rutura dos alunos com a escola e consequente abandono escolar?

Era preciso romper completamente com o modelo de avaliação. Eu vou explicar: se numa turma de PCA em que eu tiver quinze alunos eu tiver uma predominância de um grupo de alunos oriundo de uma comunidade específica ou um, dois alunos que não consigo integrar no grupo de maneira nenhuma. Porque acontece. Eu poderia até ter dois professores para aquela turma que trabalhassem com o aluno de uma maneira diferenciada. Isto é romper com o modelo tradicional. Isto é promover sucesso e investir no sucesso destes miúdos. E a avaliação tem que ser feita sempre em articulação, tem que ser mais formativa. Não pode ser tão rígida. Tem que ser de acordo... o que é que eles conseguem fazer? Estes avançam. Estes avançam de maneira diferente. Mas promovendo sempre o avanço. A avaliação tem que ir sempre no sentido de ver o que é que o aluno já consegue fazer que não fazia. E trabalhar. Criar mecanismos. Perceber porque é que o aluno se está a deixar atrasar em relação ao grupo e ver como pode chegar lá. Centrar o processo numa avaliação contínua dos miúdos. Vamos trabalhar de acordo com o público-alvo que temos. Não têm todos que estar na escola doze anos mas a escola tem que ter estrutura que permita aos alunos avançar e atingir níveis de sucesso. Os miúdos dizem “Vou tirar um curso ” mas é uma

coisa qualquer que mais tarde sabem que têm como certo o desemprego. As expectativas também são baixas a esse nível. Os miúdos não veem utilidade.

Assim concluimos a entrevista, muito obrigada pela sua colaboração.

ANEXO 7

FOCUS GROUP INTERVIEW – ALUNOS

TRANSCRIÇÃO

Como vocês sabem, há alunos que estão cá na escola há muito tempo e que não passam de ano. Reprovam, repetem o ano, voltam a reprovar... Não conseguem ter boas notas, não conseguem ter sucesso. Porque é que acham que isto acontece?

C: Vou dizer a minha opinião. Eu acho que isso acontece porque os alunos não gostam da escola e às vezes não gostam de algumas aulas e às vezes só lhes apetece ir para casa e não pensar na escola.

D: Eu também acho o mesmo, stôra. Por um lado às vezes não há força de vontade, não gostamos dos professores, não gostamos das aulas. E não nos dá...vontade de estar atento...

C: Para vir.

F: Por causa das companhias. Eu acho.

Depois há muitas faltas também, não é?

D: Sim.

C: ...

D: Eu tenho algumas.

F: As pessoas estão cansadas das aulas. Ficam na rua a conversar e jogar à bola.

E porque é que faltas?

F: Falto porque as aulas são bué cansativas. Sempre a dizer a mesma coisa. São sempre a mesma coisa. Os professores falam bué. Escrevem no quadro e falam. E ficam a ralar sem motivo. Comigo é assim.

D: Eu só falto às aulas de Ciências, Português, História que é as que eu não gosto.

Não gostas de quê? Não gostas das disciplinas ou não gostas dos professores?

D: Dos professores.

E das disciplinas, das matérias... gostas?

D: Gosto. Só não gosto mesmo dos professores.

C: Eu não é os professores. Os professores estão aqui para ensinar e eu não tenho nada que os estar a criticar. Eu não gosto mesmo da escola. Só falto às aulas porque não gosto mesmo da escola. E às vezes não me apetece ir às aulas. Não gosto das aulas.

Achas que a escola te vai fazer falta no futuro ou achas que consegues organizar a tua vida sem ela?

C: Eu acho que vai-me fazer falta. Mas tenho que estar aqui por obrigação.

E o comportamento? Vocês acham que o comportamento tem influência em os alunos chumbarem muito e ficarem para trás?

F: Os que ficam mais quietos aprendem mais.

D: Sim!

De que maneira, D?

D: Se o nosso comportamento não é muito bom... nós faltamos ao respeito... só a responder nós já estamos a faltar ao respeito. Logo aí os professores não vão ter paciência para nós, vão mandar-nos para a rua e com um certo limite de faltas disciplinares a gente vai chumbar... Por causa do nosso comportamento. Eu sei porque no ano passado chumbei por causa do excesso de faltas disciplinares.

E tu, C? Qual a tua opinião sobre o comportamento?

C: Eu acho que quando vimos para a escola, passar de ano é o objetivo. Primeiro de tudo vêm as notas. Depois vem o comportamento. Mas como os professores dizem... para ser um aluno bom tem que se ter boas notas e ter bom comportamento. Eu não tenho bom comportamento. Por isso não sou bom aluno. Não sei o que pode acontecer no futuro.

F: No ano passado eu passei graças a si. Agora vou chumbar.

Vais chumbar porquê?

F: Oh... estou-me a portar mal e não gosto desta professora de Inglês. Tenho negativa. Só faltas disciplinares tenho algumas sete ou oito. Faltas normais até não tenho. Só vou para a rua.

Porquê?

F: Oh stôra... porto-me mal. Às vezes faço barulho e faço piadas. Às vezes os stores mandam-me para a rua sem razão. E tu, D?

D: Eu tenho um molho delas.

F: Disciplinares?

D: Também.

C: Eu farto-me de lá estar. Começo a dizer coisas e a gozar. Depois peço desculpa mas às vezes vou para a rua.

Quando então há problemas de comportamento, faltas disciplinares... os vossos pais são chamados à escola. O que é que eles fazem?

F: Chego a casa e fico de castigo. Levo três ou quatro chapadas.

D: Os meus pais tentam conversar comigo. Principalmente o meu pai porque eu tenho mais... coiso... com o meu pai. Relação. O meu pai chega a casa e explica-me que eu não devo fazer. Para tentar melhorar. Só que... Entra-me aqui e sai-me ali. Algumas coisas. Há outras em que ele fica... “Quê?! Tu fizeste isso?” e passa-se! Este ano não. Este ano ele ainda não foi chamado à escola. Só a mãe. Por causa, pronto... das coisas que se passou durante o ano, a mãe foi chamada. Mas foi só três vezes. Mas não foram coisas assim tão graves nem nada. Mas foi só a mãe que foi chamada. O pai este ano não veio. Só no ano passado. Mas o pai sabia de tudo, a mãe contava-lhe. O pai sempre teve ligação aos problemas e isso. O meu pai dá-me sempre na cabeça para eu não voltar a fazer. Que é para o meu bem e não é para o bem dos professores porque eles tinham o curso deles, já tinham tudo e que eu é que estou cá para aprender... diz para eu não voltar a fazer.

E quando fazes alguma coisa muito grave?

D: É igual. O meu pai fala comigo. Mas não me acontece nada. Não me batem nem nada. É na boa.

E tu, C? Como reagem os teus pais quando são chamados há escola quando há algum problema?

C: É sempre a minha mãe que vem à escola. Eu não vivo com o meu pai. Às vezes os meus castigos são... fico de castigo. Fico sem jogar Playstation. Fico sem ir para o meu pai. E a minha mãe diz que isto pode prejudicar-me o meu futuro. Primeiro a escola e depois as outras coisas e que eu tenho muito tempo para fazer as coisas que eu quiser.

Como é que os vossos pais vos ajudam nos trabalhos e nas tarefas da escola?

F: Os meus pais não ajudam. Quem ajuda é a minha cunhada ou os meus irmãos. Explicam-me as coisas... agora não me têm ligado. Desde que eu fiz os quinze anos. Às vezes vou ao centro de estudos que há lá na mediateca e faço lá os trabalhos de casa.

D: A mãe tem o meu irmão mais novo e não me pode ajudar muito nos trabalhos de casa e ... porque eu também já tenho idade e cabeça para fazer os meus trabalhos de casa sozinha. E então a mãe não dá muita atenção nisso. A outras coisas a mãe dá atenção mas trabalhos de casa e isso sou eu.

C: A minha mãe mete-me a estudar. Eu não costumo estudar. Mas às vezes a minha mãe, para me meter de castigo, mete-me a estudar.

E como é que faz?

C: Como é que faz? Mete-me no quarto. Tranca a porta e ... agora estuda. A minha mãe já me tentou meter numa explicação mas eu disse que não queria. Eu disse que não ia. Em primeiro lugar não gosto da escola. Pensar na escola é só na escola. Foi ela mesma que me disse. Depois tenho os meus tempos livres e eu disse que não queria ocupar os meus tempos livres a pensar na escola. E a minha mãe não me meteu. E agora quando sei que tenho testes ela faz-me estudar.

Vocês têm ASE?

C e D: Sim.

F: Não.

Tu não tens, F? Mas no ano passado tinhas.

F: A minha mãe não tratou como deve ser das coisas. Não tratou dos papéis.

Então o ASE empresta-vos os livros para o ano todo.

D: Este ano não deu. Os livros que tenho são os velhos. O programa já mudou. Já fui à secretaria e não me dão os novos.

Porquê?

D: Dizem que estes também dão. Mas a matéria não é igual e há coisas que não tenho nos livros velhos. Eles não querem saber.

C: Deram 16 euros para o material.

F: A mim não me deram nada.

Pois, F. Se não tens ASE não te deram nada. Sabes que a tua mãe tem que entregar os papéis todos os anos.

F: Ela não entregou.

E as refeições? Também têm o almoço gratuito na escola. Tu não, F. Este ano não tens.

F: Mas mesmo que me dessem as refeições eu não almoçava.

D: Eu também não almoço, stôra. Eu tenho as refeições e não almoço. Eu vou a casa.

F: Eu levo dinheiro de casa para aqui e vou a almoçar a qualquer sítio.

D: Eu às quartas e sextas que é quando nós não temos muito tempo de almoço também trago dinheiro e vou comer lá fora com a C e com a B.

C: Vais ao Minipreço comprar batatas e coca-cola.

D: E então?

F: A comida na escola é podre.

Mas ir lá fora sai muito mais caro. Aqui na escola não pagam a refeição e comem melhor.

D: Mas eu posso sair e assim como o que quero.

Então, para além de a escola dar apoio económico com o ASE também dá outros apoios. Quando há dificuldades na aprendizagem, também há outros apoios na escola.

F: Eu tenho tutoria.

D: Eu também, só que a gente não vai.

C: Eu vou. Eu vou.

F: Eu vou, né? Mas há vezes que não vou.

D: Qual é o nome da nossa stôra?

C: É a stôra X.

D: Mas, stôra, nas quartas eu não consigo ir à tutoria das cinco às cinco e quarenta e cinco. É depois do último tempo. Eu não consigo ir.

C: Mas tu ias.

D: Mas eu não tinha treinos. Agora tenho o boxe.

E que outros apoios existem na escola. Mesmo que vocês não vão... que outros apoios sabem que há?

F: Apoio a português... Turma Mais. Aquilo do Ensino Especial.

D: Apoio de Português, de Matemática, de Inglês... apoio ao TPC.

F: Esse só acho que há no sexto ano.

C: PLN, APP especial.

E a psicóloga?

D: Ih... ela é muito chata. E não dá apoio.

C: Dá sim. Para que é que as pessoas vão ao psicólogo?

D: Tá bem... Mas não dá apoio de nada. Só fala... chama as pessoas durante as aulas para irem lá falar.

F: Ela fala com os pais para nós irmos para o curso.

Então, está claro que a escola tem apoios para quando os alunos precisam de ajuda na aprendizagem. Os alunos podem ir ou não. Mas há apoios.

Todos: Há.

E há algumas turmas especiais, assim tipo cursos, em que as pessoas façam um trabalho diferente?

F: Há. PIEF.

D: Isso é o quê? Cá não há isso!

F: Não. Mas passas do oitavo para o décimo segundo.

D: Tipo o que fizeram o RR e o A e isso?

F: Ya. Isso.

C: Eu não sei.

Os alunos costumam dizer muita vez “Eu quero acabar o sexto ano e quero ir para um curso”.

D: Eu quero.

F: Ya. Eu também.

D: Eu queria tirar um curso daqueles do sétimo, oitavo... Para despachar o nono ano e ir-me embora.

F: Mas esses cursos só há nas Olaias.

D: E quero tirar o nono porque sem o nono não tens a carta de condução, não tens nada.

E tu, C?

C: É a mesma coisa que eles. Para deixar a escola. Ou tentar chegar mais longe. Tipo... décimo segundo.

Não está mal, C. Para quem não gosta da escola... E digam-me, quando há problemas disciplinares, o que é que a escola faz?

D: Toma medidas.

F: Não. À primeira avisa. À segunda, suspensão. À terceira... expulso da escola. Não! À primeira avisam, a segunda é trabalhos comunitários, à terceira suspensão e à quarta... expulso.

D: Eu nunca fui expulsa de uma escola.

F: Eu já. Da escola X para aqui.

C: É assim, portamo-nos mal na sala de aula e a stôra manda sair. Pedimos mais uma oportunidade. Às vezes dão.

D: Algumas!

C: Algumas... depois fazemos outra vez. A stôra manda sair...

D: A gente não sai.

C: Ya... fazemos um escândalo só para dizer “não vou porque é a última vez”. Há uns que mandam mesmo sair e há outros que dão mais uma oportunidade. Depois se fazemos outra vez é aí mesmo que temos que sair. À terceira é de vez.

E para onde vais quando és expulso?

C: Ou vou para o gabinete ou vou para a biblioteca. Mas às vezes, quando penso que já acabou tudo, estou na aula da tarde e uma funcionária vem-me chamar que é para eu ir à direção.

O que fazem no Gabinete de Mediação Comportamental?

F: Dão-nos um papel para contar o motivo, dizer o que aconteceu... depois eu tenho que assinar o papel, dou à stôra e depois ficamos lá até tocar.

D: Ou então não.

F: Ou então não.

D: A gente por exemplo sai logo nos primeiros quarenta e cinco, estamos lá um tempo... por exemplo... eu já lá estive só para me acalmar. E depois voltei para a aula quando eu estava mais calma.

E o que diz no papel que preenchem?

C: A primeira coisa pergunta... são nove ou dez perguntas.

D: São oito.

C: A primeira coisa que pergunta é: “Por que motivo vieste para o gabinete?” A segunda: “Porque é que tiveste essa reação?” Depois nós dizemos...

D: Eu digo que é porque os colegas também fizeram.

C: É para refletir sobre o que fizemos. Depois perguntam o que é que vamos fazer para melhorar o comportamento. No fim agrafam a participação que a stôra mandou à folha que fizemos.

F: Mas se formos lá sete vezes ficamos lá à espera até os nossos pais chegarem.

C: A mim disseram-me que os papéis ficam ali e chamam os pais à sétima vez.

F: O papel serve para nos defender.

C: Serve para refletir no nosso erro e não voltarmos a fazer.

Então, se é feito um trabalho de reflexão sobre os comportamentos no Gabinete. Porque é que acham que as pessoas voltam lá uma vez e outra depois disso? O que é que não resulta?

D: Porque a gente faz isso no momento. Prometemos portar-nos bem só no momento. A gente tenta portar-se bem nas aulas... nem sempre é fácil. Nem sempre nos ajudam a portar bem.

Acham que o trabalho do Gabinete serve de alguma coisa?

D: Os papéis que fazemos são entregues aos DT's.

C: Eu acho que não. Serve para os alunos refletirem...

D: Mas depois voltas lá!

C: Então... porque não penso nas consequências!

Mas o importante é melhorar, não é?

C: Sim... mas às vezes os colegas chamam.

O que é que a escola podia fazer de diferente?

D: Ah... tanta coisa! Haver festas!

C: Mudar os horários.

F: Ya... os horários.

D: Festas!

C: Os stores terem calma.

D: Haver mais tempo livre.

Eram mudanças boas, mas algumas não dependem da escola. O ministério é quem manda. Mas cá na escola, quem é que vocês acham que pode ajudar os alunos com dificuldades de aprendizagem e com problemas de indisciplina?

D: Os professores.

C: Os diretores de turma.

F: A mim ninguém, né? Eu porto-me mal, já ninguém vai na conversa.

O que acham que a escola podia fazer para ajudar os aluno que não conseguem ter sucesso escolar, boas notas...?

F: Ver a idade, ou quantas vezes chumbou e pôr num curso.

D: Ajudar. Um aluno por exemplo tem dois, não é? Mas se a escola vê que ao longo do ano a gente se esforçou mais ou menos... podiam no final do terceiro período dar-nos um três. Porque se a gente passar ... não sei... mas do quinto para o sexto ou do sexto para o sétimo tornávamo-nos melhores. Eu nunca... eu nunca consigo. Já chumbei tanta vez... Já estou farta. Tenho sempre dois e já não quero saber.

C: Eu acho que nos deviam deixar escolher as disciplinas. A escola decidia quantas disciplinas o aluno deveria ter e nós escolhíamos as que queríamos.

F: Assim não aprendias nada!

C: Aprendias sim. Aprendias as coisas que gostas.

E como é que se poderia melhorar o comportamento e a indisciplina?

C: Para melhorar o comportamento dos alunos eu acho que deveria ser como antigamente: bater.

F: Violência não leva a lado nenhum. Mais vale falar.

C: Isso também. Acho que devia haver uma mesa por cada aluno para não falar com o colega do lado. Eu gosto de estar sozinho. Sozinho não me porto mal.

D: As turmas também são muito grandes. Onde há muita gente há muito barulho. Mas os professores também podiam facilitar mais. Não mandar tanta vez para a rua para a gente não chumbar e chumbar. As turmas tinham que ter menos gente. Mudava também os professores que não gosto. Eu punha professores mais novos e simpáticos.

C: Eu punha professores mais experientes. A professora de Matemática por exemplo... só dá a palavra aos alunos que são mais espertos.

F: Os alunos que não são bons são injustiçados. Ficam à parte. Eu estou sempre à parte. Nunca me chamam.

D: Eu também. Estou sempre lá atrás.

C: A D estava sempre lá atrás. Bastava dizer qualquer coisinha e punham-na lá no fundo de tudo.

D: Sim. Eu tive que pedir... Mas sentada à frente é melhor. Mas os professores não gostam de mim e mandam-me lá para trás.

Vocês acham que é importante que os professores gostem de vocês?

D: Sim. Para nos incentivar a esforçarmo-nos mais.

C: Eu não acho nada disso.

F: Eu acho. Eu gosto quando os professores gostam de mim. Claro. Quando não gostam eu não estudo para eles.

C: Eu não me interessa se os professores gostam ou não gostam. Eles estão aqui para ensinar. Eu queria mais respeito. Mas não posso falar muito porque eu também não os respeito.

F: Eu às vezes também os compreendo... eu não gostava que faltassem ao respeito à minha mãe no trabalho.

E agora... se fizéssemos uma comparação entre o trabalho que se faz em Matemática, Português, História... com o trabalho que se faz em Educação Física, Educação Visual, Educação Tecnológica... O que é que vocês preferem?

D: A segunda opção.

F: Eu também.

C: A segunda opção.

Eu já adivinhava a resposta... mas... porquê?

D: Não é por ser mais fácil mas dá-nos mais trabalho... dá-nos mais... motivação para trabalhar. Fazemos coisas com as mãos.

C: Escrevemos menos, as professoras falam menos.

D: Ajudam-nos mais.

F: É melhor porque temos mais convívio. Pintamos...

C: E fazemos coisas que gostamos.

D: Não é passar noventa minutos a escrever, sentado, a olhar para um quadro. Nessas aulas podemos levantarmo-nos, fazer trabalho em grupos... fazemos sempre coisas diferentes. Em Português, Matemática... a gente não sai do lugar. Estamos noventa minutos a fazer exercícios que não servem para nada. Cálculos... e isso cansa. Logo aí nós cansamo-nos, logo aí respondemos, logo aí nós não estamos atentos, logo aí vamos para a rua porque não estamos interessados nessa matéria.

F: Eu aprendo mais em EV. Convivo mas trabalho e a professora está sempre em cima. Nas outras estamos ali espedados para um quadro e é só passar, só passar, só passar... mais nada. Em EV vejo que a cada dia estou a melhorar.

C: Eu gosto das aulas mais práticas. Se a stôra quiser ver eu tenho aqui o meu caderno de EV. Eu orgulho-me das coisas que eu faço. Eu faço uma coisa e fica feita. Faço as coisas que aprendo. Nas outras disciplinas não vejo nada feito. É só falar e testes. Só se vê os testes... e responder na aula. Alguns stôres nunca me chamam porque eu também me sento com a P lá atrás. Ela é uma chata. Não se cala. Já pedi à DT para me mudar mas ela não me muda porque não há lugar. Só quando falta alguém.

Então imaginem agora que nós pegávamos nessas disciplinas mais teóricas como Português e Matemática e ensinávamos as matérias dessas disciplinas usando o computador e a internet. Em vez de só ouvirem o professor, teriam que fazer coisas, aprender sozinhos e em grupo.

F: A mexer no computador?

Sim.

F: Hi... Espetáculo!

D: Era mesmo fixe!

Porquê? Porque é que acham que era fixe?

D: Porque não tínhamos tanto trabalho a estar a olhar para uma parede, para um quadro, para um projetor durante noventa minutos. Estávamos a fazer o nosso trabalho à nossa maneira e não à maneira dos professores... Também à maneira dos professores mas mais à nossa. Estávamos a fazer as nossas coisas com a nossa cabeça da maneira de sabemos.

F: Eu também não gosto de chegar e que o stôr me diga “Ah, vá fazer uma coisa qualquer”. Isso não. Não é estar a fazer qualquer coisa à toa. O stôr tem que dizer o trabalho... Tinham que dizer o que era para fazer para fazermos e aprender.

Qual é a tua opinião, C? Achas que isto era possível?

C: Eu acho que era possível, eu aprendia mais porque podia ir ver as coisas que não sei ao Google. Posso fazer sozinho, cansa menos. Quando estamos só a escrever a mão começa-me a doer e não se aprende nada. É só copiar.

Acham que aprendiam com mais vontade?

C: Eu acho que sim.

F: É óbvio. Mas a stôra tem que estar em cima. Não é como certos stôres... “Portas-te mal? Faz o que bem quiseres.” E não me dá... não me dá...

Objetivos?

F: Sim. Não me dá objetivos. Não quer saber de mim e então fica praí.

D: Os professores davam-nos uma certa matriz para a gente fazer os nossos trabalhos, estudávamos pelos trabalhos que a gente fazia e era mais fácil.

C: E para os alunos estarem concentrados a fazer aquilo que gostam também podíamos ouvir música.

D: Como o stôr de EV faz.

Vocês gostam?

D: Sim. Empenhamo-nos mais. Concentramo-nos a ouvir música e a fazer o nosso trabalho.

Vocês acham que as aulas são muito rígidas?

F: São.

D: Muito. Não todas mas algumas. Alguns stôres exageram. É muita a matéria num dia só.

F: É uma hora e meia e é muita coisa. Depois temos uma disciplina e depois temos outra. Nessas duas temos um teste marcado. Dias diferentes. Mas os stôres querem dar a matéria até ao teste. Aprendeste, aprendeste... Não aprendeste, lixas-te.

D: Os intervalos são muito pequenos. Dez minutos não é nada.

C: É pouco tempo para jogar um bocado, comer... É só filas no bar. Não dá para ir ao bar.

F: É ir ao bar buscar uma merenda. Já está. Passou.

C: Comes. Está a tocar.

D: Nem comer comes... Estás a sair do bar... toca.

F: É à segunda dentada. Já contei. Juro, stôra.

Acham que aprender desta forma, com as tecnologias, fazia com que os alunos aprendessem mais, tivessem melhores resultados e chumbassem menos?

D: Empenhávamo-nos mais. Tornava-se mais fácil para nós porque sabemos mexer no computador. Pesquisar, fazer coisas e assim... Também era mais fácil para os professores.

Porquê para os professores?

D: Porque não tinham tantos testes. Avaliavam um bocadinho todos os dias e viam no fim se fazíamos os nossos trabalhos.

F: À vontadinha não valia a pena. Fazes, fazes, para quê? Ia ser uma confusão.

Precisas sempre de orientação, não é F?

C: Sim.

F: Sim.

C: Podia ser... cada um tem a sua mesa e cada um tem um computador e faz as coisas conforme consegue. Alguns professores ensinam a matéria muito à pressa.

F: Alguns. Alguns têm mais paciência. Outros chegam ao quadro e é... isto, isto, isto e isto. Teste.

D: “Tens cinco minutos para fazeres isto” e nem os cinco minutos dão. Três ou quatro minutos e vão logo para a correção. Não nos deixam acabar.

C: Alguns professores ensinam mais depressa do que os alunos conseguem aprender. Outros não. A professora de Inglês dá uma coisa para fazer. Espera um bocadinho e nós fazemos. O que está errado a professora consegue explicar. Não dá uma matéria só numa aula. Se precisarmos volta atrás. Se precisamos de mais tempo dá mais tempo. Compreende os alunos. Se vir que aquilo não está bom para os alunos, a stôra não continua. A stôra de Matemática não. É sempre a andar e os alunos mais burros não conseguem. Nunca conseguem. Eu acho injusto porque nem toda a gente é obrigada a aprender ao mesmo tempo. Se tivéssemos um computador em cada mesa era melhor. Cada um fazia o que era capaz... não sei. Se demorasse um bocado mais... paciência. Desde que fizesse...

F: Tinhas era que acabar as coisas.

E como seria a avaliação se trabalhássemos com os computadores e andássemos mais devagar com a matéria?

D: A nossa avaliação dependia no nosso comportamento e do nosso trabalho durante a aula no computador.

C: Eu acho a mesma coisa que a D disse. Era mais fácil para os alunos. Sabíamos sempre... todos os dias como estávamos a fazer as coisas. Bem ou mal.

E os testes? O que acontecia aos testes?

C: Eu acho que os testes podiam continuar a ser escritos.

D: Podiam ser uns escritos e outros no computador.

F: Sim, porque no papel mostra-se o que se aprendeu. Se estávamos a ouvir ou não.

D: Eu gostava mais de ser avaliada aos bocadinhos. Todas as sextas-feiras éramos avaliados. Se calhar era mais fácil sermos avaliados todas as semanas. Se nesta semana não conseguimos esforçamo-nos um bocado mais para a semana.

F: Também é verdade.

D: Incentivava-nos. Se calhar agora era só positivo mas para a semana eu já tinha bom. E depois muito bom. E o comportamento também evoluía. Sentíamo-nos melhor.

F: Eu ficava satisfeito. Se fizesse bem numa semana na outra queria ter mais. Nos testes tenho sempre má nota. Sempre não. Quase sempre, vá... (risos) Mas quando tenho negativas fico em baixo.

C: Eu não gosto de fazer testes. Nunca estudo. Faço os testes só com o que oiço na aula mas quando vou para a rua não oiço nada.

D, C e F, chegámos ao fim da nossa entrevista. Querem dizer mais alguma coisa?

D: Não.

C: Eu não.

F: Não.

Ok. Muito obrigada pela vossa colaboração. O Vosso contributo foi muito importante.